



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JOÃO PAULO OLIVEIRA VIEIRA

**O discernimento: um contributo da Igreja para a
formação pessoal e social dos jovens.
Proposta de Valorização da UL 3: “Projeto de
Vida” do 9º Ano.**

Relatório Final
sob orientação de:
Professor Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

Porto
2020

“Formar personalidades (...) capazes de
usar bem a própria liberdade”

CEP,2006

Resumo

O presente relatório é realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada e procura analisar a Unidade Letiva 3 do nono ano: “Projeto de Vida” sugerindo uma valorização da mesma com a introdução do conceito de discernimento.

Procuramos fazer uma análise da unidade letiva a partir do pensamento de Pedro d’Orey da Cunha e da particularidade da disciplina em ser confessional, procurando que a mesma possa ir ao encontro de todos.

Palavras Chave: EMRC; Educação Moral; Discernimento; Currículo; Confessional; Escola.

Abstract

This report is carried out within the scope of the Supervised Teaching Practice and seeks to analyze the Unit 3 of the ninth year: “Life Project”, suggesting an appreciation of it with the introduction of the concept of discernment.

We seek to make an analysis of the teaching unit based on the thought of Pedro d’Orey da Cunha and the particularity of the discipline in being confessional, seeking that the discipline can reach everyone.

Key Words: EMRC; Moral Education; Discernment; Curriculum; Confessional; School.

INTRODUÇÃO

A Lei de Bases do Sistema Educativo prevê que os jovens que frequentam a escola em Portugal possam ter no seu percurso uma área dedicada à sua formação cívica e moral. Concretizar este desenho legal constituiu uma tarefa delicada sobre a qual vários pensadores da educação se dedicaram, entre eles Pedro d'Orey da Cunha¹.

O presente Relatório pretende apresentar aquilo que foi o trabalho realizado pelo mestrando na Prática de Ensino Supervisionada em ordem à profissionalização em EMRC. Para além disso, pretende ainda, apresentar um olhar sobre a Unidade Letiva 3 do nono ano, numa ótica onde a mundividência cristã seja compaginada com curricularidade exigida a qualquer disciplina, contribuindo para o desígnio da Lei de Bases sobre a formação cívica e moral dos jovens, ajudando a cimentar o plano teleológico da comunidade educativa.

Assim, pretendemos, a partir daquilo que foi o trabalho da Prática de Ensino Supervisionada, apresentar uma proposta de valorização da Unidade Letiva referida, seja pela sugestão da introdução do conceito de discernimento nos seus conteúdos, seja pela reestruturação dos mesmos em ordem a um plano curricular mais coerente com a dimensão católica da disciplina, por um lado, bem como a sua pertinência curricular no espaço de uma escola laica, por outro. A disciplina de EMRC, está intrinsecamente ligada à formação e educação em valores ditos cristãos. O pensamento de Orey da Cunha, que apresentaremos em parte neste Relatório, quer sobretudo ajudar a perceber como interpretar a intenção da Lei de Bases, tendo em conta a existência de outras disciplinas da mesma índole temática, procurando perceber tudo aquilo que a citada Lei entende por educação moral e cívica, do caráter ou para os valores (Cunha, 1996).

Na sociedade ocidental, mas sobretudo no contexto europeu, tem-se muitas vezes ignorado o valor e a pertinência do referencial cultural cristão. Isto reflete-se em muitos setores, mas sobretudo no âmbito da educação onde esta dimensão antropológica e sociológica cristã é muitas vezes delegada para o setor privado, quando não mesmo camuflada de forma a parecer não existir (Laporta, 2006). No contexto português a situação não é tão aguda como noutras realidades, e o ensino religioso escolar, entre altos e baixos, Tratados e Leis, lá vai ganhando o seu espaço e cimentando as suas orgânicas.

¹ Pedro d'Orey da Cunha (1939-1995) foi Secretário de Estado da Reforma Educativa e tinha por formação de base a Filosofia e a Teologia, tendo obtido o grau da última em Granada no ano 1968. Era doutorado em Ciências de Educação pela Boston University.

Juridicamente a disciplina de EMRC está legitimada pelo Tratado Concordatário e demais emanções próprias do Ministério da Educação tendo o estatuto de disciplina de oferta obrigatória e frequência facultativa. Ainda assim, demasiadas vezes nos resguardamos no argumento jurídico, deixando escapar aquele que deveria ser o principal argumento, o da pertinência e contributo real que a disciplina de EMRC pode dar à comunidade educativa e à sociedade em geral. Para isto, e vê-lo-emos sobretudo numa segunda fase do trabalho, seja na deambulação sobre um necessário quadro legal, seja a estrutura e pertinência curricular e uma possível teorização e abordagem da mesma, é importante compreendermos bem o que é a Educação Moral Religiosa Católica, o que a fundamenta, baliza, credibiliza e sustenta. Partindo daí é-nos mais fácil dialogar com os circunstantes do meio educativo e fazer propostas concretas, assentes na matriz cristã-católica da disciplina. Por isso, recordamos que uma educação verdadeiramente integradora e completa não pode suprimir o valor religioso da consciência cívica e cultural das futuras gerações. Não só por uma questão de tradição cultural, mas sobretudo, no caso ocidental, pelo sustento de uma axiologia que se fundamenta nas bases judaico-cristãs (Laporta, 2006).

Como referem os prelados portugueses no que a estas matérias diz respeito, a disciplina de EMRC contribui enormemente para o desenvolvimento das nossas crianças, adolescentes e jovens sobretudo no que se refere ao reconhecimento da componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade. No que ainda à reflexão sobre a disciplina concerne, apraz-me reforçar aquela ideia de que ela se orienta para formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade (CEP, 2006). Isto faz, ou deveria fazer, de EMRC uma disciplina integradora, onde todos se sintam acolhidos, reforçando assim o seu caráter integrador e amplo. Este desafio, que nos propomos pensar em parte de seguida, surge muito a partir dos quadros legais, evidentemente necessários. É um desafio colocado particularmente a alguns agentes educativos vinculados a EMRC, que, não se aprisionando, como já vimos, no quadro legal, ainda não têm a preocupação de focar a disciplina no seu verdadeiro amago e numa justa hermenêutica condizente com o espaço escolar, dito curricular. Ao professor e aos responsáveis pelos programas de EMRC compete-lhes ter uma visão ampla do conteúdo cristão, séria e capaz de ser proposta, estabelecendo propósitos razoáveis e enquadrados na realidade cultural hodierna. O currículo do ensino religioso tem de ter isso bem claro. Não nos compete introduzir como que todo o saber religioso

cristão. Devemos sim procurar em primeiro, a pedagogia e a didática que conduzam a uma dimensão real da vida do aluno e não a meras teorias doutrinárias ou casuísticas estranhas; em segundo, e não menos importante, ter uma possível procura de uma síntese de do dito saber cristão, que jamais poderá ser uma programação catecumenal ou catequética (Laporta, 2006).

Para a Prática de Ensino Supervisionada, decidimos tratar a unidade letiva 3 do nono ano – Projeto de Vida – dado que temos interesse manifesto na formação e acompanhamento de jovens em idades transitórias, neste caso concreto os alunos que se encontram a terminar o terceiro ciclo de estudos fundamentais. Visto já termos lecionado esta unidade letiva, ficámos com a sensação de que a sua estrutura programática poderia ter outras abordagens que a valorizassem. Sendo o Mestrado em MCR uma forma de validar cientificamente essa dúvida que tínhamos, optámos então por encetar este estudo.

O presente trabalho está dividido em três capítulos sendo que no primeiro procederemos à apresentação da chamada gestão curricular, com a caracterização da turma e da escola, bem como a planificação global pretendida. Num segundo capítulo propomos um quadro teórico sobre o conceito de discernimento e a possibilidade da sua inclusão nos conteúdos a lecionar, bem como uma proposta de reestruturação de outros conteúdos. Na consciência de que isto só é possível com a salutar compreensão do lugar de uma disciplina confessional numa escola laica, analisaremos a parte do Programa que se refere à Unidade de modo a perceber o equilíbrio, ou não, da sua atual estrutura no que se refere à dimensão confessional dos conteúdos ou ao seu amplo alcance para uma maior diversidade de alunos. Para isto recorreremos ao pensamento de Pedro d’Orey da Cunha. No último capítulo refletiremos sobre o processo ensino-aprendizagem, mediante as aulas supervisionadas que lecionámos, das quais as planificações se encontram anexadas.

Utilizou-se a norma da *American Psychological Association* (APA) dado a universalização desta no campo da educação, contudo, com a consciência das limitações que podem pontualmente ser encontradas para a área teológica.

Para a elaboração deste Relatório e dado em determinados momentos da Prática de Ensino Supervisionada se contactar com dados pessoais de diversos intervenientes, foram criteriosamente seguidas as normas do Regime de Proteção de Dados aplicado no Estabelecimento de Ensino, o Código de Ética da Universidade Católica Portuguesa sobre o papel do discente investigador, e tido em conta o Decreto de Lei 240/2001 de 30 de Agosto sobre “o perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário”.

CAPÍTULO I
CARACTERIZAÇÃO DA TURMA E GESTÃO CURRICULAR

1.1. Caracterização da Turma

Com o objetivo de gerir o currículo de forma organizada e equitativa o professor deve procurar no início do ano conhecer as turmas que lhe estão confiadas. Assim o trabalho de caracterização oferecerá ao docente informação preciosa para encetar o trabalho anual com os jovens. A referida informação pode recolher-se formalmente, direta ou indiretamente, através de dados institucionais previamente recolhidos e\ou dados recolhidos em fichas próprias para o efeito e de acordo com a intenção de cada docente ou para cada área curricular específica. É ainda importante ter presente o projeto educativo e projeto curricular da escola em causa, bem como o regulamento interno da instituição e a legislação mais recente sobre currículo² e avaliação, sobretudo pela existência ou não de alunos que requerem a aplicação de medidas pedagógicas diferenciadas.

Alguns fatores externos ao espaço escolar propriamente dito podem ser também importantes, como a localização do espaço escola, a existência de atividades extracurriculares e hábitos de estudo, estrutura familiar ou enquadramento sociofamiliar.

O conhecimento de determinados dados isolados é por si só insuficiente, é preciso saber situar as informações e os dados no seu contexto para que tomem sentido (Morin, 2002).

No respeitante à disciplina específica de EMRC considere-se que, no contexto do Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, esta é de matriz obrigatória, mas que ainda assim existem alunos, que por exemplo, estão a frequentá-la pela primeira vez, dado serem novos no citado Colégio. Estas informações aprofundá-las-emos adiante através dos dados recolhidos.

Todos estes dados de forma muito geral providenciam um apoio adequado, a quem deles necessita, neste caso o professor, de forma a que se concebam, por exemplo, tarefas e as condições da sua realização. O conhecimento de cada um potencializa o próprio e o outro no processo de aprendizagem. Mais do que uma mera organização rígida de dados estereotipados, a ideia é encontrar uma pluralidade de soluções que sejam congruentes com a necessidade do trabalho cooperativo, a autonomia dos alunos ou as atividades pedagógicas diferenciadas (Cosme, 2018).

² Referirmo-nos ao Decreto de Lei 55\2018 de 6 de julho e ao Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória.

1.1.1. Caracterização da Instituição

O Colégio de Nossa Senhora de Lourdes foi o Estabelecimento de Ensino onde o docente estagiário lecionou as aulas supervisionadas e realizou as restantes atividades de componente não letiva associadas à lecionação e ao processo de estágio.

O Colégio é uma Instituição Católica pertencente à Congregação das Religiosas do Amor de Deus em Portugal e iniciou a sua atividade em 1942. Oferece resposta educativa desde a creche ao 9º ano de escolaridade. No seu Plano Educativo refere-se o horizonte educativo do Colégio, este, centra-se no respeito da liberdade e convicções de cada um procurando oferecer a todos os membros da comunidade educativa um projeto com sentido, alicerçado na mundividência cristã e de acordo com a Pessoa de Jesus Cristo e na Sua mensagem (CIAD, 2020). A Congregação e as suas instituições e associações têm fundação no carisma educativo do Padre Jerónimo Usera.

O edifício onde decorrem as aulas do 3º ciclo situa-se na Rua Rainha Dona Estefânia, 54, no centro da cidade do Porto, mais precisamente na freguesia de Massarelos. Consideramos as informações sociogeográficas pouco relevantes para esta caracterização dado os alunos não serem provenientes, em considerável número, da freguesia em causa, mas da cidade em geral e mesmo de outras áreas não circunscritas ao concelho do Porto.

1.1.2. A turma

A turma a que nos referimos é a turma C do nono ano de escolaridade constituída por 22 alunos dos quais 11 são rapazes e 11 raparigas, com idade compreendida entre os treze e os quatorze anos. A grande maioria dos alunos vive na cidade do Porto, 14 alunos, 3 são residentes em Matosinhos, 3 em Vila Nova de Gaia, 1 em Valongo e 1 em Paredes. Um dos alunos é de nacionalidade brasileira, fazendo parte de um grupo de três alunos que estão pela primeira vez no Colégio este ano e que por coincidência têm também os três pela primeira vez EMRC.

Existem na turma 4 alunos abrangidos pelo DL 54/2018³ com medidas que passam para além das universais (eram alunos que já se encontravam abrangidos pelo DL 3/2008).

³ Decreto de Lei 54\2018 de 6 de julho estabelece o regime jurídico da educação inclusiva.

Uma das alunas usufrui de não penalização pelos erros ortográficos e tempo suplementar na realização dos instrumentos de avaliação/testes (15 minutos); um outro aluno beneficia das mesmas medidas e na disciplina de Português acresce a possibilidade de realizar teste em sala à parte; outro aluno beneficia da medida realização de testes em sala à parte na maioria das disciplinas, exceto EMRC, História e Ciências; há ainda outro aluno que realiza os testes em sala à parte, leitura do enunciado nas disciplinas de Português, História, Ciências e Geografia, beneficia também de adequações nos instrumentos de avaliação em Matemática, Ciências e Físico-Química. Para este aluno a avaliação oral deve ser privilegiada.

O Conselho de Turma é constituído por onze docentes e o horário semanal da turma organiza-se da seguinte maneira:

| 9º C | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---------------|----------|----------|----------|----------|----------|
| 8:20 - 9:20 | CN | EV | FQ | M | P |
| 9:30 - 10:30 | EMRC | EF | H | M | M |
| 10:55 - 11:55 | P | I | P | F/E | EF |
| 12:05 - 13:05 | P | M | CN | I | I |
| 13:05 - 13:50 | | | DT | | |
| 14:25 - 15:25 | G | FQ | | EV | H |
| 15:30 - 16:30 | F/E | H | | G | CN/FQ |
| 16:45 - 17:30 | RP | | | RM | |

A disciplina de EMRC é lecionada à segunda feira de manhã, das 9.30 às 10.30 e contará com 32 aulas anuais previstas no calendário escolar.

Relativamente aos dados específicos recolhidos pelos docente estagiário, nomeadamente os hábitos de estudo, autonomia, opções escolares a curto e médio prazo, podemos dizer o seguinte: dos 22 alunos, 3 estudam em regime acompanhado, sendo que os restantes afirmam estudar habitualmente sozinhos. Estudam na sua grande maioria em casa. Ainda que, alguns afirmem estudar acompanhados, todos os alunos se consideram autónomos no estudo e nas restantes práticas escolares regulares.

Questionados sobre as suas possíveis opções para o Ensino Secundário, 5 alunos afirmam não saberem ainda que área de estudos pretendem escolher, 14 afirmam querer seguir a área curricular científico-tecnológica, 2 a área científico-humanística e um economia.

Relativamente à possibilidade de frequentar o Ensino Superior, 5 alunos afirmam que não sabem se querem frequentar, sendo que os restantes 16 afirmam querer frequentar. Destes 16, 12 já conseguem especificar o curso que têm em mente seguir. Os cinco alunos iniciais que afirmam não saber se irão frequentar o Ensino Superior são os mesmos que afirmam não saber a área curricular a escolher no Ensino Secundário. Relativamente aos encarregados de educação 85% tem formação Superior e os restantes 15% concluíram o Ensino Secundário. Registe-se que a função de encarregado de educação reside em todos os casos na figura da mãe.

Após o preenchimento das fichas específicas o professor em diálogo informal com os alunos informou-se da facilidade de acesso de todos ao material escolar necessário, à frequência de espaços como a biblioteca ou salas de estudo e ao acesso dos meios audiovisuais e internet por parte de todos. Isto possibilita ao trabalho docente a utilização e sugestão aos alunos de diversos meios audiovisuais e técnicos que apoiem o processo de aprendizagem.

No que respeita à disciplina de EMRC e à visão dos alunos sobre a mesma, os jovens usaram de expressões e ideias muito homogéneas. São concordantes quanto à vantagem desta área do saber, que os prepara para o futuro de forma mais segura, alicerçados em valores e conhecimentos que reconhecem distintos pela sua matriz cristã. Tenha-se em conta que para a larguíssima maioria destes alunos, como já referido, a disciplina, pela sua matriz curricular obrigatória na Instituição, é para eles uma disciplina tão integrada como as outras. As decisões a nível microcurricular podem ser verificadas no segundo capítulo, aquando da apresentação da gestão curricular.

Anexamos a Ficha de Caracterização dos alunos. Os dados dos mesmos foram analisados e aqui dissertados em exposição global, salvaguardado a identidade e o processo escolar de cada um dos alunos tendo em conta o facto de este Documento se tratar de um Relatório externo à Instituição e ser nosso dever fazer cumprir o Regime de Proteção de Dados em vigor como já referido na introdução deste Relatório.

1.2. A Gestão Curricular e o Ato de Planificar

O ato de planificar reveste-se de grande importância em toda a atividade docente. O professor, consciente do seu papel não pode sem mais ignorar a relevância de um ano, um período, ou uma aula devidamente preparada e estruturada tendo sempre em atenção a particularidade e especificidade dos alunos que lhe estão confiados. Ter bem presente aquilo que se quer que aprendam no final, a forma fazer suscitar neles o interesse pelo conhecimento e a valorização do indivíduo e das suas capacidades pessoais fará certamente com que o processo de aprendizagem tenha maior sucesso, proveito e frutos.

Na constituinte deste processo, e inteiramente ligado ao ato de planificar, está o conceito de currículo e a relevância da chamada gestão curricular.

Podemos de forma sumária balizar o conceito de currículo a fim de não dispersarmos em ideias muitas vezes erróneas e comuns sobre o mesmo.

Como dissemos o currículo faz parte do processo de aprendizagem escolar, ele é como que o terreno de operacionalização e cruzamento de todas as variáveis deste citado processo. É nele que se reflete o conteúdo, a natureza e a qualidade das aprendizagens oferecidas pela escola (Roldão, 2005). Ainda que passível de múltiplas interpretações a ideia de que o currículo visa o “conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar” (Roldão, 2005, p. 7) é algo hoje comumente aceite.

As transformações socioculturais permitem e exigem que olhemos para o plano curricular a partir da emergência dos novos fenómenos e das novas preocupações (Sousa, Alonso, & Roldão, 2013). As necessidades sociais e económicas tendem a variar, os valores e as ideologias também, acabando inclusivamente por entrarem em certo conflito, daí que o próprio currículo corporize esta variação e esta conflitualidade (Roldão, 2005, p. 7).

Sem prejuízo do anteriormente referido, pelo contrário, organizou-se aquilo a que se chamou o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Este documento tem também como finalidade contribuir para a organização e gestão curriculares, apoiando a definição de estratégias, metodologias e procedimentos pedagógico-didáticos a utilizar na prática letiva. Ele tem, como se refere na introdução, uma natureza abrangente, transversal e recursiva, respeitando carácter inclusivo e multifacetado da escola e assegurando que, independentemente dos percursos escolares realizados, todos os saberes são orientados por princípios e valores, resultantes de um consenso social evidentemente

necessário e também resultante da observação das variações e conflitos que referíamos anteriormente (PASEO, 2017).

Um justo entendimento do que é o currículo e a gestão curricular está largamente dependente da concepção que temos de educação e particularmente de uma educação para todos. O tratamento imparcial de todos os cidadãos, no nosso caso concreto jovens estudantes, sem reconhecimento de privilégios naturais, sem diferenciação pelo nascimento, família ou bens é classicamente a definição da filosofia política para a ideia de igualdade. Ela é normalmente assumida a partir do conceito sugerido por Karl Popper sobre a possibilidade do igualitarismo (Popper, 1974). Mesmo sem os conceitos filosóficos ou políticos o Homem devia pela razão natural ser capaz de se saber igual ao outro, estabelecendo uma justa convivência cívica e fraterna (Bento XVI, 2009).

Entender a igualdade de forma simples pode ser pensá-la como a possibilidade do *entre todos em tudo*, ainda que tenhamos de ser realistas, excetuando nas utopias ideológicas e ou políticas é difícil defender uma ideia de algo igual em tudo para todos. Ainda assim, quando falamos de diferenciação curricular em educação ou de igualdade de oportunidades ou de escolhas em educação estamos a falar de que? Igualdade de acesso à educação e ao ensino? Igualdade no conhecimento? Todos conhecermos tudo e sabermos da mesma maneira? Possibilidades de currículos diferenciados? E claro, igualdade de resultados?

O ideal de facto seria pensar num equilíbrio possível entre aquela que é a justiça natural e a lei positiva. A isto chamamos equidade. A questão parece residir precisamente no como entender a igualdade de oportunidades a partir da insuficiência da igualdade formal e aquilo que o paradigma da equidade exige.

O tratamento de todos por igual pode resultar numa maior desigualdade, sobretudo quando se trata de populações muito específicas e em posições mais desfavoráveis, por isto mesmo se justifica o ir para lá da igualdade formal.

A equidade é à partida mais sensível às diferenças entre os Homens, garante-se a igualdade formal de acesso à educação, tratando-se de modo “desigual” para garantir a dita equidade, sendo que a justiça como equidade é baseada em critérios que todos possam aceitar, ainda que possa parecer paradoxal à primeira vista.

Pode não ser muito fácil entender no senso comum esta perspetiva, pois a sociedade ainda reflete muito as influências do utilitarismo mais patente no final do último século – segundo a visão utilitária um ato é mais correto quando maximiza a felicidade. Por suposto isto leva a que haja uma minoria que claramente possa sair

prejudicada. É precisamente nesta senda que Rawls apresentara a ideia de justiça como equidade, criticando assim a generalização utilitarista (Bolívar, 2012).

Mas porque importa pensar estes conceitos quando falamos de educar, gerir currículo ou planificar? Veja-se que, na prática, o que na génese discutimos neste momento em Portugal é não só a forma, mas também a qualidade, do direito de acesso à educação, a qualidade! No campo do real, podemos pensar este direito em duas dimensões, por um lado o direito a ter e a estar no espaço educativo, e por outro lado o direito a desfrutar desse espaço e das propostas curriculares de forma a vivenciar uma experiência educativa de êxito. Em muitos casos somente o primeiro direito está assegurado, levando assim a enormes disparidades em ambiente escolar e claro a disparidades sociais (Flecha & Villarejo, 2015). A suposta justiça social educacional, no campo do real esta incompleta, e o sistema escolar, apesar de cumprir a lei, acaba por ser profundamente injusto para as já referidas “franjas” da sociedade. Isto exige um enorme exercício no sentido de desenvolver uma inteligência pedagógica e uma responsabilidade institucional que requeiram a mobilização de todos os tipos de recursos. Falamos de métodos, pedagogias, espaços, conteúdos e tempos, que ajudem a encontrar o melhor caminho pessoal para o acesso ao conhecimento e seu desenvolvimento singular (Azevedo & Afonso, 2016). É aqui que a discussão sobre o currículo e a sua gestão é fundamental. É necessário aquilo a que Maria do Céu Roldão denomina de “processo bipolar de diferenciação curricular” (Roldão, 2005, p. 15). Há que garantir aprendizagens comuns e balizas nacionais obrigatórias, mas há também que pensar no indivíduo enquanto célula primordial da sociedade e no seu direito a percorrer um projeto escolar, curricular próprio. Eis a diferenciação curricular, onde a EMRC toma dianteira, não só como disciplina facultativa num projeto comum, mas também enquanto área do saber com ampla abrangência curricular e interdisciplinar.

1.2.1. Opções curriculares

De seguida apresentamos o percurso feito nas unidades letivas lecionadas (2 e 3) e as perspetivas para a leção da unidade 1. As planificações anuais por unidades letivas e as calendarizações por aula\tema projetadas no início do ano letivo, para além de aqui relatadas encontram-se disponíveis nos anexos. Descrevemos as opções e estratégias curriculares pensadas.

Tenha-se em conta que a planificação anual foi preparada tendo por base as Aprendizagens Essenciais⁴, as Metas, os Objetivos e os Conteúdos do Programa da Disciplina para o 9º ano de escolaridade⁵ (SNEC, 2014). Este organiza-se em três unidades: *Dignidade da Vida Humana*, *Deus o Grande Mistério* e o *Projeto de Vida*. Quanto à sua lecionação, e sem prejuízo das metas previstas, serão lecionadas pela seguinte ordem: UL 2; UL3; UL1. Isto sucede da necessidade de o docente estagiário lecionar em tempo útil a unidade letiva número três que trata no presente Relatório de Estágio. Teve-se ainda em conta para além do calendário escolar regular, o calendário próprio do Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, que prevê uma interrupção letiva coincidente com o nosso mapa de aulas. São contabilizadas ao todo 32 aulas anuais sendo 13 lecionadas no primeiro período, 11 no segundo e 8 no terceiro. No que se refere às planificações de aula, constam neste Relatório aquelas que dizem respeito à Unidade Letiva tratada.

Tal como nos refere o preambulo das Aprendizagens Essenciais, a autorreflexão é algo muito característico desta faixa etária e isso permite um amplo alargamento da imaginação, levando a que os adolescentes possam tomar consciência da forma como conhecem para além daquilo que conhecem. Refere o mesmo texto a possibilidade de utilizarmos uma variedade de estratégias de aprendizagem com estes jovens, proporcionando por exemplo oportunidades de autocorreção em nível de resolução de problemas. “Os adolescentes têm a capacidade de falar consigo próprios, processo este, por vezes, designado de diálogo interno, e chegar a novas formas de compreensão sem estarem presos a experiências concretas” (AE, 2018, p. 2).

Por isso, privilegiámos para além do método somente expositivo, estratégias concretas, como atividades de pares e ou individuais, onde, incida com natural frequência, a formação do espírito crítico e autorreflexivo. São várias as sugestões de trabalhos que vão sendo propostas dentro dos temas em causa, bem como colóquios, debates ou encontros preparados no projeto para o ano escolar.

⁴ As Aprendizagens Essenciais articulam com o Perfil dos alunos à Saída da Escolaridade obrigatória (AE, 2018).

⁵ O Programa de Educação Moral Religiosa Católica foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa em 2014, tendo sido emanada a sua divulgação pelo disposto no n.º 1, do artigo 3.º, do Decreto-Lei n.º 70/2013, de 23 de maio.

Unidade Letiva 2 – Deus o Grande Mistério.

A primeira Unidade Letiva a ser lecionada (UL2), coincidiu, logicamente, com o início das aulas, daí também a primeira aula ter sido dedicada à mútua apresentação dos agentes educativos, neste caso, professores e alunos. Para além do professor titular e orientador, Professor Doutor António Filipe, já conhecido dos alunos, foram apresentados os dois professores estagiários, o Professor estagiário Ricardo Soares e o Professor estagiário João Vieira, que constituíram o núcleo de Estágio no Colégio referido. No que concerne então à prática letiva, como referido, procedeu-se à apresentação através de uma dinâmica preparada para o efeito (em anexo). Neste Período e ao longo do ano, e indo ao encontro das Aprendizagens Essenciais e do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, procurou-se identificar a problemática da existência de Deus, nomeadamente no diálogo fé e razão. Assim, foram apresentadas várias perspetivas baseadas nos conceitos permissivos da temática: ateísmo, agnosticismo, relativismo e crença. Procurou-se estimular o pensamento crítico e criativo através de fóruns e trabalhos individuais com interpretação e comentários a textos, vídeos ou imagens.

Os alunos do 9º ano tiveram ainda possibilidade de participar num encontro com Professores e doutorandos da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto onde, orientados pelo Professor Doutor João Paiva, se colocou sobre a relação entre Ciência e Fé.

Foi amplo o tempo dedicado a esta primeira abordagem como pode ser visto nas calendarizações que seguem em anexo. Nesta unidade fizemos também, a nosso ver, uma justa opção pela focalização, seja no tema da arte e da sua expressão no contexto religioso, seja na marca identitária cristã lusa e europeia, ao explorarmos a existência de movimentos e instituições que favorecem o justo equilíbrio social através da sua matriz de inspiração cristã. Esta última parte foi sobretudo preparada pelos alunos com apresentações por temas.

- Aprendizagens Essenciais relativas à UL2⁶

Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; (HIST) Discutir várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; (HIST) Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; Reconhecer, na mensagem bíblica, a bondade e a grandeza de Deus como um apelo à construção de um mundo solidário. Compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; (HIST, GEO) Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçadas na cosmovisão cristã.

- Estratégias valorizadas

Para além do método expositivo privilegiou-se neste período o desenvolvimento do pensamento crítico e analítico dos alunos. Procurou-se que comentassem e analisassem textos ou situações relacionadas com os conceitos base da Unidade. Teve-se em conta a interdisciplinaridade sobretudo tendo por base a dimensão histórica que muitos conteúdos abarcam. Incentivou-se à procura de informação, à sua sustentação e apresentação junto dos demais. Procurou-se realizar com os alunos um mapa da unidade letiva (em anexo). A avaliação formativa centrou-se em dois momentos particulares: um comentário a um vídeo e a uma frase alusivos ao tema tratado e uma ficha de avaliação formativa no final do período (documentos em anexo). Foram tidos em conta os demais itens avaliativos que constam dos critérios de avaliação.

Unidade letiva 3 – Projeto de Vida

A segunda unidade letiva lecionada pelo docente estagiário coincide com a unidade a tratar no presente Relatório. Dado ela ser analisada crítica e epistemologicamente noutra secção do relatório, aqui, faremos as referências necessárias à sua leção na perspetiva da planificação e calendarização.

Como exige a circunstância, foi feita a devida introdução à unidade focando-se na ideia do que é um projeto e particularmente um projeto de vida. Explicou-se aos alunos a

⁶ As aprendizagens Essenciais articulam com demais áreas curriculares como pode ser perceptível pelas referências que vão surgindo entre parêntesis.

intenção de realizar ao longo do período a construção dos seus projetos pessoais, por fases, intercalando com algumas aulas expositivo-dialógicas.

O professor estagiário forneceu aos alunos uma estrutura passível de ser utilizada por todos de forma a cada um na sua singularidade ir construindo o seu “projeto de vida”. Teve-se em conta a necessidade primeira de promover experiências de autoconhecimento, de percepção do “eu” – Quem eu sou? O que quero? Para onde vou? – bem como experiências de conhecimento de “mim” a partir daquilo que me rodeia, fazendo um discernimento pessoal consciente de que não existimos isoladamente.

A partir deste último ponto os alunos foram convidados a inteirar-se de projetos sociais construtores e promotores do bem comum, com o intuito de mostrar a necessidade tao premente de cada um, segundo as suas características, encontrar um lugar de relação com o outro no espaço social. Introduziram-se os conceitos importantes para o tema, como: discernimento, prudência, perseverança, resiliência, projeto ou felicidade. Abordou-se a importância do estudo e do trabalho no Projeto de Vida e salientou-se a valorização dos talentos pessoais através de exemplos dos próprios alunos e de exemplos bíblicos. Procurou-se também compreender a importância de estruturar valores basilares e fundamentais para a vida de cada um e em sociedade. Tudo isto em ordem ao foco principal – pensar e construir um Projeto de Vida. Os alunos visualizaram ainda o filme Billy Elliot, do qual realizaram um comentário a partir de um guião já existente (em anexo).

Ao longo do período estruturaram um possível Projeto Pessoal de Vida a partir de um esquema possível (em anexo) preparado e disponibilizado pelo docente estagiário.

- Aprendizagens Essenciais

Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal; Relacionar Vocação e Profissão na construção de projeto de vida; (FR, CD) Mobilizar valores para a concretização de um projeto de vida humana para a sua realização pessoal e no serviço aos outros; (CD, ING, FR) Reconhecer nos valores evangélicos fundamentos para um verdadeiro projeto de vida; valorizar a esperança, a alegria e a confiança na realização própria e dos outros. (CD).

- Estratégias valorizadas

É-nos sugerido no cruzamento das aprendizagens essenciais e o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória que proponhamos a realização de tarefas de síntese, bem como tarefas de planificação, de revisão e de monitorização valorizando a perspetiva individual e de grupo. Assim procedemos, como pode ser visível na planificação elaborada. Os alunos para além de realizarem um trabalho de caráter individual são também chamados a desenvolver as potencialidades de trabalho em grupo e a partilharem os seus resultados com os colegas. Estes dois elementos entram na avaliação formativa dos estudantes.

Unidade letiva 1 – A Dignidade da Vida Humana

A primeira unidade letiva ficou, por mútuo acordo e por orientação do professor cooperante, para ser lecionada no terceiro período. Visões mais “calendaristas” poderão argumentar que a distribuição do calendário escolar condiciona a lecionação de uma quantidade significativa de conteúdos desta unidade. Sucede, contudo, que não nos podemos abstrair do espaço escola e dos valores que o projeto educativo da mesma trazem consigo. A matriz cristã- católica do Colégio onde decorre o estágio, e toda a sua organização pedagógica, transportam de forma muito transversal as aprendizagens essenciais desta Unidade. Elaborámos a planificação teórica que se encontra em anexo, contudo, a execução da calendarização do ano letivo ficou gorada pelas medidas implementadas face à Pandemia do Covid-19.

As aulas decorreram como planificadas, com exceção da referência anterior ao episódio pandémico.

CAPÍTULO II
O DISCERNIMENTO: UM CONTRIBUTO DA IGREJA PARA
A FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL DOS JOVENS

2.1 O discernimento

A palavra discernimento é uma palavra muito cara à comunidade cristã desde sempre, particularmente o chamado discernimento espiritual. Este é como que uma exigência inerente ao ser cristão e uma atitude imprescindível no processo de fé, que varia consoante os diferentes períodos da história e da história de cada um. Para um cristão, o discernimento faz-se tendo Cristo como centro, como luz. O processo de discernir acontece na opção que o homem faz da luz de Cristo, colocando em prática e de forma muito concreta na vida do dia-a-dia as escolhas daí advindas e as suas consequências. O objetivo é chegar a decisões que respondam a desafios concretos que depois condigam com a vivência autêntica da condição e vocação cristã (Canavarro, 1991).

Tradicionalmente o discernimento parecia, ou pode até mesmo ainda parecer, que está somente ligado ao homem e aos seus movimentos interiores, de alma. Como vimos, é um conceito marcadamente cristão, com uma conceção sobretudo espiritual, no sentido da vida interior, mas que durante muito tempo deixou de fora outros campos mais amplos da vida do homem. Hoje é bastante mais claro que o discernimento cristão diz respeito a todas as dimensões da vida. (Herráiz, 1979). Toda a nossa vida e tudo o que nela se desenrola é passível de discernimento. Sobre tudo o que fazemos em ordem a uma opção, podemos percecioniar uma orientação boa ou má. A dificuldade pode surgir, contudo, quando temos de optar por duas coisas boas, procurando escolher a que é melhor, ou duas coisas más, tentando discernir qual a que pode significar um mal menor (Vries, 1966).

Ainda que se revista da importância que sumariamente vimos, a palavra discernimento andou algum tempo no esquecimento ou pelo menos parece um termo hermético aos ouvidos de muitas gerações, sobretudo as mais jovens (Bianchi, 2018). Contudo, o Magistério mais recente tem recordado a importância, não da palavra em si, como é óbvio, mas do processo de discernimento na vida dos crentes e claro também dos não crentes, até porque, a Igreja exerce a sua missão de *católica* quando a todos integra e tal como o próprio Cristo, propõe e não impõe. Pela sua história a Igreja pode propor aos homens e sobretudo aos jovens modelos de discernimento.

Na Unidade Letiva 3, do Programa de EMRC, em que os alunos são convidados a pensar e a realizar um *projeto de vida* é justo considerar isso mesmo. Note-se que a dinâmica educativa de EMRC deve suscitar e acompanhar processos, não propriamente impor percursos. Como recorda o Santo Padre, são processos de pessoas e sendo pessoas são sempre únicas e livres (Francisco, 2019).

2.1.1 Uma possível definição

Como dissemos na breve nota anterior, a instância do discernimento cristão nasce da experiência pessoal com Cristo. Para os cristãos, a diversidade de situações e os seus graus de complexidade pedem uma justa consideração dos impulsos e motivações que levam a fazer determinadas opções. Na génese desta definição, se assim podemos dizer, está a ideia clara de que para os crentes, Deus chama cada homem ou\ e cada comunidade a uma vocação particular (Barruffo, 1989). A questão do discernir, coloca-se precisamente quando é necessário reconhecer os sinais de Deus nas ditas situações concretas que nos são apresentadas. Nesta ótica o discernimento, ainda que implique a razão e a prudência, supera-as, pois o que está em causa é o projeto único e irrepetível que Deus tem para cada um (Francisco, 2019). Por isto mesmo, o discernimento é visto e entendido como um dom dado pelo Espírito Santo aos crentes. É um dom e não o Dom. O Dom é o próprio Espírito de onde tudo provém, nomeadamente a sabedoria, essa disposição sobrenatural da inteligência que nos faz estar atentos e dar valor ao que a Deus diz respeito. Enzo Bianchi (2018) insiste na importância de não confundirmos os dons com o Dom, pois só assim podemos entender justamente o que é o discernimento.

Como em tantas outras palavras, a etimologia é importante para compreender a sua significância. Neste caso, “discernimento, vem do verbo latino *discernere*, composto por *cernere*, ou seja, *ver claro, distinguir*, e é precedido de *dis*, ou seja, *entre*. Assim podemos dizer que da sua raiz etimológica, discernir significa “ver claro entre”, estar atento, escolher e separar (Bianchi, 2018). Domingos Terra (2007) ajuda a esclarecer que podemos na dupla visão do vocábulo perceber tanto a “destrinça daquilo que nos interessa no seio duma realidade que se presume confusa” (Terra, 2007, p. 48) bem como a ideia da fronteira que separa duas realidades, dois campos. Entenda-se que o discernimento feito por um crente, para além da paciência e determinação necessárias, conjuga o rogo da iluminação divina.

Ainda Bianchi, em *L'arte di scegliere. Il discernimento*, sugere-nos mesmo a definição do teólogo Giuseppe Angelini, tomemo-la como referência:

“O discernimento pode ser definido, na primeiríssima aproximação, como a qualidade da alma que permite reconhecer em qualquer circunstância o que convém fazer; e permite, ainda antes, percecionar em qualquer circunstância que é conveniente fazer alguma coisa, que se pode e deve tomar uma decisão, que, em suma, as diversas situações que progressivamente encontramos dizem-nos respeito, interpelam-nos, convidam-nos a tomar parte, em vez de nos impelirem para a situação demasiado cómoda (mas também,

sob outra perspectiva, demasiado incômoda) daqueles que são sempre e só espetadores” (Angelini, 1997, pp. 9-11).

2.1.2 *A prudência como demanda do discernimento*

Tomás de Aquino, ao tratar da questão da prudência em si mesma, na Suma Teológica, recorre à definição aristotélica de prudência, definição que considera essencial, exata e precisa (STh, pp. II-II q.47, intr).

Segundo Aristóteles a prudência é a virtude do intelecto que habilita o homem a fazer retamente a escolha dos meios que conduzem à felicidade. Para o estagirita⁷ a prudência é parte de um modo de ser racional, verdadeiro e prático, conduzindo o homem à distinção do que é bom ou mau para si. Ela é a virtude da boa deliberação, distinta da sabedoria, na medida em que esta última trata daquilo que existe por demonstração. A sabedoria é entendida como a mais exata das ciências e por isso o sábio, conhece os princípios, a verdade sobre os princípios e naturalmente segue os princípios. Já a prudência tem um caráter utilitário, digamos assim, refere-se ao útil, ao mutável, ao que permite ser elegível segundo as circunstâncias em favor de uma escolha boa ou má. Ainda assim, Aristóteles é claro em afirmar que a prudência também não é uma habilidade, pois ainda que suceda o homem prudente puder ser hábil, existem muitos homens que também são hábeis na maldade.

A prudência é sobretudo uma virtude de paciência, de saber fazer, de antecipação e de experiência. A nós interessa-nos particularmente a ideia aristotélica de que a prudência implica de certa maneira experiência, algo que por natureza um jovem ainda não tem, mas naturalmente ganha com o tempo (Aristóteles, pp. 269-290, VI). Entenda-se que, Aristóteles diverge do pensamento estoico que considerava a sabedoria e a prudência uma arte (Hamelin, 2010).

Em suma, a prudência trata a capacidade da boa deliberação, da reta ação, da moderação, ou seja, do discernimento. Leia-se o que refere na *Ética a Nicômaco*, sobre a consideração do que é prudente em ordem àquilo que se adequa a cada ocasião:

“As matérias relativas à conduta e ao que convém, nada têm de fixo, como nada têm de fixo as relativas à saúde. Ora: se isto acontece com a exposição em geral, o exame em casos particulares é ainda mais avesso à exatidão; tais casos não se enquadram em qualquer arte ou preceito, pois as próprias pessoas

⁷ Estagira é uma antiga cidade da Macedônia conhecida por ter sido o local onde nasceu Aristóteles, daí este ser também chamado de estagirita.

engajadas na ação devem considerar em cada caso o que é adequado à ocasião” (Aristóteles, pp. 163, II)⁸.

2.1.3 *Um possível contributo do modelo inaciano*

Uma das figuras de referência na vida da Igreja no que ao tema do discernimento diz respeito é sem dúvida Inácio de Loyola. O fundador da Companhia de Jesus propôs aos seus irmãos e a toda a Igreja uma reflexão notável sobre esta temática, destacando-se particularmente os conhecidos Exercícios Espirituais.

Ainda na senda do exposto anteriormente, também Santo Inácio se deixa inspirar no pensamento aristotélico, mas desta feita já fundamentado a partir de São Tomás. Tomás de Aquino foi uma das figuras de referência para Loyola. Pesa muito na nossa pesquisa a ideia tomista a que José Manuel Lopes alude para recordar importância do pensamento do escolástico para o processo de discernimento e acompanhamento ao jeito jesuíta.

“Em termos tomistas, diríamos que, somente através da atividade da nossa própria mente, da atividade do nosso personalíssimo intelecto agente, estaremos em condições de iluminarmos os dados não claros da experiência sensível, estaremos em condições de os tornarmos homogêneos coma a natureza da nossa mente, de os tornarmos inteligíveis e de os convertermos numa ideia” (Lopes, 2002, p. 60).

Esta teorização pretende deixar claro que o processo de aprendizagem humana é algo da esfera pessoal. A assimilação ou a decisão sobre uma ideia só se dá pela recetividade da própria mente, do intelecto. O modelo Inaciano goza de grande eficácia pois desenvolve-se de forma personalizada e está assente na premissa de que o processo de aprendizagem humana é um processo imanente. O acompanhamento proveniente de fora, ou seja, de alguém que ajuda ou orienta, tem um objetivo altamente pedagógico, ainda assim, e para além disso, esta figura deve ser aconselhadamente alguém que, para além de um pedagogo, seja um antropólogo, que possibilite a maturação das características do indivíduo, que estimule criativamente a liberdade do sujeito (Lopes, 2002).

Como é evidente, no âmbito curricular não propomos a integração de um percurso espiritual. Não é necessariamente esse o espaço oportuno. Contudo, muito do que sustenta

⁸ Assumimos a tradução do artigo do Professor Doutor Guy Hamelin (Hamelin, 2010, p. 94).

o percurso espiritual de um crente é transversal mesmo aqueles que não professam a fé cristã ou outro credo. Quisemos exemplificar parte da base do modelo inaciano, precisamente, com o intuito de demonstrar que, esta lógica personalista, imanente e de autorreflexão é muito útil ao percurso de qualquer jovem ou adulto. O facto de ter fé dá evidentemente um estímulo bem distinto aos propósitos do próprio, contudo não é nosso objetivo determo-nos, como já dissemos, na dimensão, crente\espiritual. Ainda assim, William Damon⁹ num estudo que apresenta sobre as decisões em idades juvenis, mostra que muitos jovens descobrem para o seu futuro propósitos gratificantes através da sua fé (Damon, 2009).

Se quisermos objetivar, facilmente percebemos que os jovens sobre os quais se debruça esta nossa proposta se encontram no chamado período da adolescência. Este período é por norma formativo e prepara o jovens para a idade adulta. É justo que nesta fase os jovens possam dedicar algum tempo autoexaminar-se e a considerarem o seu futuro, bem como a perceberem a importância da tomada de decisões e de posições face ao mundo que os rodeia e àquilo que são. Alguns estudos, nomeadamente o de William Damon (2009), mostram que os jovens hoje, de forma geral, não marcam objetivos e adiam decisões pois a própria formação da identidade e a maturação da sua liberdade é adiada de forma quase natural.

Qual tem sido o nosso papel no acompanhamento real dos jovens e nas propostas que lhes fazemos? Será descabido propor um exame de consciência diário a um jovem não crente? Estaremos nós a criar barreiras estereotipadas ao justo contributo da perspectiva cristã da vida com a camuflagem ou omissão de conceitos tão próprios da nossa identidade e como vimos, uteis a crentes e não crentes?

2.1.4 Sagrada Escritura: um recurso inigualável

A unidade letiva apresenta três textos bíblicos não só como recurso nos materiais pedagógicos e didáticos, mas também como conteúdo programático. Em consonância com o aprendido no seminário da Prática de Ensino Supervisionada, a Sagrada Escritura não constitui um conteúdo em si, contudo, é indispensável enquanto recurso e base fundamental do ensino religioso cristão. Bem sabemos, que os elementos bíblicos estão

⁹ O estudo de William Damon – Que futuro para os jovens de hoje? – teve como intenção examinar a forma como os jovens tentam hodiernamente encontrar o seu propósito de vida (Damon, 2009).

muito presentes, no sensível e popular, na arte, na etnografia ou literatura, tomando assim parte de uma certa expressão cultural comum. O conteúdo cristão na sua dimensão “exterior” acaba por ser pertença do espaço de todos pois faz parte de uma das chaves indispensáveis para a interpretação dos fenómenos culturais e sociais (Laporta, 2006).

Esta unidade letiva apresenta três textos: Gn 12,1-7 – “A vocação de Abrão”; Act 9, 1-20 – “Conversão de São Paulo”; e Mt 25, 14-29 – “Parábola dos talentos”. Na planificação que fizemos do ano letivo utilizámos o texto de Mateus referido, daí que optemos por dissertar aqui sobre a sua pertinência no contexto concreto da unidade letiva. Para além do texto de Mt 25, 14-29, passaremos ainda pelo texto sinóptico em Lucas 19, 11-27. Propomos também a utilização de outro texto bíblico como possível recurso para o aprofundamento da temática do projeto de vida: Mc 10, 17-22 – “Jovem rico”.

Ainda que não seja de todo o objetivo de EMRC fazer abordagens catequéticas e doutrinárias, sabemos que em muitos casos, a utilização de recursos bíblicos representa para os estudantes uma ocasião única de contacto com a mensagem da fé. Por isso é importante que se continue a promover o conhecimento da Sagrada Escritura, superando inclusivamente antigos e novos preconceitos no que à utilização desta diz respeito em ambientes que não exclusivamente eclesiais, como é o caso da escola (Bento XVI, 2010).

Parábola dos talentos – Mt 25,14-29

A parábola dos talentos aparece como conteúdo no Programa de EMRC enquadrada na Meta curricular que procura desenvolver a *capacidade de identificar os valores evangélicos* (G) sendo o objetivo que precede este conteúdo o *compreender a possibilidade de construir projetos de vida na experiência de encontro com Deus* (SNEC, 2014).

O recurso mais comum da disciplina, o Manual editado pelo SNEC, insere a parábola no subcapítulo – Projetos de encontro com Deus – após a apresentação da vida de Abraão e de São Paulo enquanto projetos vocacionados à relação de encontro com Deus (SNEC, 2015).

Nota exegética

Para além da narração de Mateus no contexto sinóptico a parábola pode ser encontrada na narrativa lucana em 19, 11-27. Relativamente ao contexto literário podemos dizer que Mateus faz uma síntese essencialmente entre Marcos e a fonte Q. Recorre ao estilo narrativo, o que se compreende pela forte influência de Marcos e bebe da fonte Q os apontamentos discursivos. Todo o Novo Testamento resulta do cruzamento entre a realidade helenista e o mundo judaico. No Evangelho de Mateus encontra-se bem espelhada esta realidade, pois apesar de ser o mais semita dos Evangelhos, está escrito, por exemplo, num grego mais correto que o de Marcos.

A parábola dos talentos aparece no chamado quinto discurso de Mateus – o discurso escatológico ou da vinda do Reino, este, inclui três parábolas sobre as atitudes requeridas para a espera da vinda do Reino, sendo uma das parábolas a que mencionamos (Monasterio, Rafael, & Carmona, 2012). Existem algumas diferenças de pormenor entre Mateus e Lucas, não fazendo contudo sentido afirmar que provém de fontes distintas, sendo, inclusivamente, claro que a intenção é a mesma em ambas as parábolas – os servos que põem a render o dinheiro redobram-no, o que tem medo enterra-o (Brown, Fitzmyer, & Murphy, 1972).

Relativamente à perícopre tratada com a referência em Mateus, realçamos a ideia de que na lógica dos contratos humanos, as responsabilidades são atribuídas em proporção crescente àqueles que estão mais aptos e dispostos. O mesmo acontece, *mutatis mutandis*, na lógica do Reino. O servo preguiçoso é arrastado para fora da alegre e luminosa sala do banquete (Orchard, Sutcliffe, & Russel, 1957). Ao servo, exorta-se à vigilância, fazendo prosperar os talentos, evitando a comodidade e a rotina (Oporto, Guijarro, & García, 1995).

No v.24 de Mateus, que não deveria ser alegorizado, percebe-se aquela que é provavelmente a intenção de toda a parábola, o dono, o senhor é exigente. Inclusivamente a distribuição dos talentos também não é necessariamente alegórica, ela serve para introduzir aquela que será a sentença do v.29, ou seja, o que é dado aos discípulos cresce consoante o uso e naturalmente diminui com o desuso (Brown, Fitzmyer, & Murphy, 1972).

Parábola das Minas – Lc 19,11-28

Se tivermos em conta a relação sinóptica e a comparação com Mateus, percebe-se que Lucas conjugou na mesma parábola a temática das minas, vv. 12-13 e 15b-26 e a temática do Reino vv. 12-13 e 15b-26. Se retirarmos alguns pormenores sobre a questão da aquisição do Reino, acabamos por ter uma parábola muito próxima à de Mateus. Lucas com a introdução da figura do nobre que marcha para um país longínquo, não só se afasta do contexto mais escatológico de Mateus, como acaba por situar a parábola como que no tempo de espera da Igreja, entre a Ascensão e a segunda vinda de Jesus.

De notar ainda que em Lucas é usual a utilização do verbo grego *eporeuthe* v.12, para indicar que Jesus caminha até àquele que é o seu destino. Jesus vai a caminho de Jerusalém.

Repare-se também que em Mateus apenas se faz a referência a 3 servos e em Lucas a 10, ainda que dos vv.16-25 somente se refira também a distribuição da mina por três. Em Mateus o senhor parece ser mais generoso na distribuição, pois divide toda a sua riqueza, ou seja, os cinco talentos (Brown, Fitzmyer, & Murphy, 1972).

Parece-nos ainda relevante, realçar que não é indiferente a opção na utilização dos vocábulos servidor ou escravo. A palavra grega *doulós* significa escravo, mas ela pode designar também um servidor. Ainda que esteja presente na mesma a posição de subordinação, a margem de relação de um servidor é maior do que a de um escravo, um servidor tem uma certa autonomia e permite-lhe tomar determinadas decisões por ele mesmo, ao ponto que um escravo não (Bovon, 1991).

Relevância como recurso curricular

O propósito dos autores do Programa de 2014 ao colocar a Parábola dos Talentos nesta temática do projeto de vida não é difícil de intuir e compreender. Contudo, é necessário perceber que a intenção da narrativa que encontramos em Mateus e em Lucas não está associada a uma mera valorização das capacidades e características do homem, mas que esta está ordenada a um fim concreto, o escatológico, particularmente em Mateus, e não a uma teleologia por si só.

Ainda assim, a Parábola, para além desta devida contextualização, importante para os alunos em geral e de carácter inclusivo para aqueles que porventura não partilham de uma crença nas realidades últimas professadas na fé cristã, não deixa de ser uma exortação sólida à capacidade de vencer o laxismo e a comodidade, procurando perceber quais os

talentos e aptidões que temos e que podemos por a render no nosso Projeto de Vida e na relação com os outros.

As nossas capacidades, talentos e aptidões, não são para guardar egoisticamente e muitos menos para enterrar, com medo das nossas falhas ou erros. Daí que se torne importante aludir à valorização dos talentos e capacidades numa perspectiva altruísta promovendo através desta passagem evangélica, não só a excelência das capacidades pessoais como também a orientação dessa excelência para o outro (SNEC, 2015).

Jovem rico - Mc 10, 17-22

Nota exegética

O texto de Marcos terá chegado até nós de forma completa e substancialmente boa através de várias conformações que remontam ao início do século III. Tem 16 capítulos e é um Evangelho sobretudo de carácter narrativo, estando escrito no grego popular, koiné. A perícopre que analisamos situa-se na segunda parte do Evangelho, onde Marcos procura mostrar Jesus como o Filho de Deus, como Aquele que morre e ressuscita (Monasterio, Rafael, & Carmona, 2012).

Esta narrativa vem imediatamente a seguir à referência que Jesus faz sobre a receção do Reino em analogia com a atitude das crianças, atitude essa que contrasta precisamente com a deste homem rico, o qual havia sido sufocado pelas riquezas. É nesta senda que Jesus termina o conjunto de catequeses que envolvem o segundo anúncio da paixão. Esta passagem recorda ao Homem que este não se salva a si mesmo, a salvação é uma graça. Para além disto, no que às riquezas diz respeito, o Homem é delas um mero administrador, se fica excessivamente apegado às mesmas, idolatra-as, aprisionando-se (Orchard, Sutcliffe, & Russel, 1957) A renúncia àquilo que é a posse própria leva à participação numa nova comunhão, seja de bens, seja a comunhão comunitária entre irmãos.

Ao olharmos para o diálogo entre o homem rico e Jesus nomeadamente para a pergunta feita pelo primeiro – o que fazer para alcançar a vida Eterna (v.17) – ou seja, o viver no *ésjaton*, no Reino de Deus, encontramos duas respostas (Brown, Fitzmyer, & Murphy, 1972; Lentzen-Deis, 1998).

Na primeira resposta, que encontramos em vv.18-20, Jesus não aceita propriamente o título pelo qual é chamado, o de bom, na senda de que só Deus é bom e essa expressão não deve ser usada para nenhum mestre, inclusive, raramente esta expressão era aplicada a um rabino (Brown, Fitzmyer, & Murphy, 1972). Já no v.19 Jesus faz a alusão aos Mandamentos, os quais o homem rico, parece estar convencido seguir retamente, segundo aquela que é a explicação dos mestres judaicos.

A interpelação de Jesus tem aqui uma nova dimensão quando o evangelista diz que Jesus olhou o homem rico com amor (v.21), introduzindo aqui a chamada *ternura divina*. Esta expressão pode ser ainda confrontada em Mc 1,41; 6,34; 8,2; 9,22 quando se fala na «misericórdia» de Jesus.

É importante referir que o texto de Marcos realça que Jesus reconhece que há neste homem uma busca sincera, pois apesar da presunção do cumprimento perfeito dos mandamentos, há nele uma insatisfação.

Já na segunda resposta, Jesus propõe o despojamento total. A categoria do despojamento ou do desprendimento total (cf. Mc 1,18.20; 2,14) é também referenciada aquando da vocação e do chamamento (Lentzen-Deis, 1998).

Por fim notemos que se quisermos, por exemplo, comparar este relato com o de Mt 19, 16- 22, acabamos por perceber que as palavras de Jesus acabam por ser um repto diante da lógica salvífica mosaica (Mt, 5,20), como vimos a este homem só uma coisa lhe falta – despojar-se de tudo – algo que está mais presente em Marcos do que em Mateus. Em Mateus há como que uma proposta de perfeição moral, ou imitação divina, algo que por si só já é estranho à mentalidade judaica, contudo em Marcos podemos dizer que há uma proximidade maior com a mensagem escatológica de Jesus, a ideia da renúncia absoluta como condição (Brown, Fitzmyer, & Murphy, 1972).

Relevância como recurso curricular

O Programa quando aborda o tema do projeto de vida e das opções a fazer em ordem à felicidade não apresenta nenhuma referência bíblica. Aborda a questão da hierarquia de valores, procurando também distinguir o valor daquilo que é material e do que não é.

Esta passagem de Marcos pode ser bem ilustrativa da necessidade de perceber o que é essencial ou não para seguir e abraçar um projeto. Pode ajudar a refletir, não só

sobre a questão do essencial e do supérfluo, mas também sobre a opção de abandonar tudo o que está para trás e recomeçar um novo projeto.

2.1.5 *A ausência do conceito de discernimento na UL 3*

Como já tivemos oportunidade de ver, durante muito tempo a visão eclesial pensou a questão do discernimento pelo óculo exclusivo da descoberta da vontade de Deus. Tendencialmente só discernia quem viria a ser religioso ou padre. Contudo, o Concílio Vaticano II, convidara o Povo de Deus a *ler os sinais dos tempos*, abrindo assim espaço para que a ideia de discernimento saísse da esfera clerical e fosse paulatinamente estendida a todos (Tetlow, 2019).

A filosofia grega, particularmente o pensamento Aristotélico, permitiu-nos perceber que o conceito de discernimento que nos chegou radica já no pensamento clássico, tornando-o assim, evidentemente, algo mais lato do que somente a ideia ocidental da era cristã que perdurou até ao século XX.

Neste momento do trabalho, pareceu-nos oportuno cruzar os principais elementos orientadores da Disciplina e da Unidade Letiva em estudo para compreender se esta visão do discernimento enquanto conceito mais amplo está já presente, por exemplo, no Programa ou no Manual proposto para a disciplina.

Uma simples análise ocular permite-nos constatar que, por exemplo, inclusive próprio vocábulo discernir, não aparece em nenhuma meta, objetivo ou conteúdo. O mesmo sucede com o Manual de apoio utilizado e os recursos nele sugeridos. Das várias formas existentes para abordar a questão do Projeto de Vida, em nenhuma é referido o processo de discernimento.

Outros vocábulos vão sendo utilizados, como *decidir*, *planificar* ou *projetar*, contudo a sua intencionalidade ainda que aparente querer apresentar uma ideia comum não é tão clara, evidente ou incisiva como *discernir*.

A breve epistemologia anterior demonstra como este conceito é parte integrante do pensamento filosófico, teológico e eclesial. Se de facto a disciplina de EMRC tem como um dos seus objetivos ajudar os jovens a compreenderem como podem usar bem a sua liberdade (CEP, 2006) parece-nos uma existir uma lacuna objetiva no que à proposta específica desta unidade letiva diz respeito. Seria sumamente útil que os jovens pudessem

contactar com uma das mais ricas propostas da Tradição cristã para o quotidiano do homem: o discernimento.

Todos os dias somos convidados a tomar decisões, sejam elas de questões imediatas ou de questões a longo prazo, como a da realização de um projeto de vida.

Uma proposta para *a projeção do eu*, para si e para o mundo, segundo a métrica cristã não deverá acontecer sem este grande referencial que é o do discernimento. Assim seria interessante considerar a possibilidade de fazer novas abordagens a esta temática por modelos como o modelo Inaciano, da revisão de vida e do exame de consciência, ou por abordagens de cariz filosófico-pedagógico com base no referencial aristotélico.

Esta proposta de valorização da unidade letiva, que assentará sobretudo no que aos conteúdos diz respeito, só faz sentido se toda a unidade estiver pensada na ótica da curriculariedade e na consciência de que é necessário ter sempre presente que, a relação da confessionalidade da disciplina e a laicidade do Estado, não comprometendo os conteúdos em si, exige-nos um compromisso de procura simbiótica da própria identidade com uma transversalidade desejável ao ambiente escolar\curricular. Sobre isto deter-nos-emos no próximo ponto, procurando perceber em que é que da especificidade da disciplina

2.2 Afirmar a Identidade sem perder o horizonte da curricularidade

A Unidade Letiva em análise pode ser um bom exemplo do contributo de EMRC para a formação cívica e moral dos jovens sobretudo quando pensamos nos desígnios da Lei de Bases do sistema educativo.

Face ao que dissemos anteriormente procurámos reler uma reflexão de Pedro d'Orey da Cunha (1996) precisamente sobre o tipo de abordagem que a disciplina de EMRC deve ter de modo a que não se confundam e não se diluam os seus objetivos gerais. Repare-se que a abordagem do antigo Secretário de Estado para a Reforma Educativa prende-se essencialmente sobre a possibilidade de uma alternativa à disciplina, dado a questão da confessionalidade de EMRC. A nossa intenção é precisamente a partir desta reflexão retirarmos eixos de análise claros que nos levem a refletir sobre as Metas, os Objetivos e os Conteúdos atuais, a fim de propormos uma reformulação dos mesmos.

Pedro d'Orey da Cunha inicia a sua reflexão recordando a premissa presente na Lei de Bases do Sistema Educativo de que este deve assegurar a formação cívica e moral dos jovens (LBSE, 1986) . Com base na orientação presente na citada Lei, e após longo debate, o Governo encabeçado por Cavaco Silva, viria a criar uma nova área curricular. À época, esta inclusão veio a levantar algumas dúvidas, sobretudo no que dizia respeito ao estatuto de alternância que passaria a ter com EMRC.

A discussão inicial prendia-se, inclusivamente por parte dos docentes de EMRC, com a possibilidade e\ou necessidade de existir uma alternativa que pudesse garantir a formação dos jovens que não efetuavam matrícula em EMRC. Acrescia a isto um outro dado, feito argumento, mais pragmático de que quem não ia a EMRC ficava com a hora dita livre, de recreio. Parecia ser necessário uma disciplina que garantisse a formação moral, mas que enquanto alternativa não possuísse o cunho religioso.

Nesta senda veio a ser proposta a criação de uma disciplina de Educação Cívica ou Formação Pessoal e Social, mas já não num regime de alternância e sim de obrigatoriedade para todos, independentemente de frequentar ou não EMRC. Os responsáveis eclesiásticos à época acabariam por afirmar que se a intenção da nova área curricular era educar para os valores, então, e dado o regime de obrigatoriedade da mesma, passava-se a ideia de que a disciplina de EMRC não educava para os valores.

As dúvidas relativas à Alternância, já suscitadas com o DL 286/89, de 29 de agosto, deram ao debate uma nova dimensão. Alguns intervenientes mais diretos como Barbosa de Melo ou Bártolo de Paiva Campos¹⁰ defendiam que uma disciplina dita “profana” não deveria ser uma alternativa a uma disciplina de cunho religioso. Segundo os mesmos para não atentar contra o Princípio da Liberdade Religiosa e da autonomia desta face ao ensino do Estado, eram favoráveis à ideia de que uma disciplina de Formação Pessoal e Social, sem qualquer tipo de crença, deveria veicular os chamados valores universalmente aceites e os constituintes da matriz cultural portuguesa. Contudo, é de notar que, para Orey da Cunha a obrigatoriedade, por exemplo, de DPS¹¹ acrescida da possibilidade de ter EMRC, aí sim constituía uma limitação ao Princípio da Liberdade Religiosa.

Não pode ficar alheio a esta discussão a evocação do Princípio da Igualdade que levou muitos a objetar contra a Alternância, inclusivamente o próprio Presidente da

¹⁰ Participaram na elaboração do Parecer do CNE sobre a proposta da Comissão da Reforma Educativa referente à estrutura da Reforma Curricular.

¹¹ Desenvolvimento Pessoal e Social – nova disciplina criada à época para a Área conjunta da Formação Pessoal e Social.

República, que se opôs à introdução da disciplina de Educação Cívica em alternância a EMRC. Ainda que desconhecidos os argumentos que o Chefe de Estado aduziu desfavoráveis à alternância, não se pode esquecer que historicamente a ideia de uma disciplina de moral laica separada da moral ensinada pela Igreja era algo já favorável à primeira República. No conhecido tempo do Estado Novo, acontece algo que pode até parecer paradoxal. O regime anterior a Abril considerava que a Igreja poderia ter uma palavra na formação moral dos cidadãos, contudo não era competente para se imiscuir na moral social, económica e política. Evidentemente estava em causa a forma de regime vigente.

Num exercício de síntese, e na senda do dito anteriormente, poder-se-ia deduzir que a disciplina de EMRC, por ser confessional, de algum modo impunha valores, enquanto uma disciplina programada pelo Estado proponha *informação livre* para o debate e a clarificação da conduta axiológica.

Com bastante clarividência, Pedro d'Orey da Cunha para além de ver em alguns destes argumentos, sendo usados à sua época, e claro mesmo hoje, alguma ignorância face ao conteúdo da disciplina de EMRC, recorda-nos o perigo de, sob o *disfarce* da igualdade, o Estado assumir uma função paternalista, impondo ele uma dita nova ordem moral.

É nesta senda que nos cruzamos com o Princípio da Não Programação Ideológica. Aqui, a Lei Constitucional salvaguarda a liberdade de consciência e as opções educativas das famílias para os jovens: O Estado não pode programar a Educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas” (CRP, 1976).

Ao debate, e sob o Princípio da Autonomia Científica, juntaram-se aquele que objetavam que a Lei de Bases quando legisla sobre a Formação Social e Pessoal não pretende que esta seja uma educação para os valores, daí a nova disciplina não entrar em confronto com EMRC, e por isso, segundo os mesmos, não se duplicar, devendo ser oferecida a todos e não em alternância. Destes fizeram parte um grupo de trabalho coordenado pelo Eng. Fraústio da Silva. Do relatório que elaboraram, Pedro d'Orey da Cunha, destaca o cuidado em evitar a utilização de expressões como moral ou ético, substituindo por vocábulos ditos mais neutros, como “significativo”, “crítico” ou “participativo”. A ideia era demonstrar que as disciplinas tinham objetivos diferentes e a nova disciplina não teria de ser necessariamente ligada à uma dita moral. Bártolo Paiva Campos vai mais longe que esta lógica e afirma estar fora da competência da Igreja a

formação das áreas pessoais e sociais, como a ecologia, a participação cívica, a saúde, a sexualidade, a prevenção de acidentes e a própria educação familiar.

Contudo Orey da Cunha é muito claro em afirmar que a Lei de Bases não possui necessariamente um vocabulário e uma formulação neutra que fique no reduto de pressupostos de uma espécie de acompanhamento psicológico ou psicossocial, ainda que também não suponha que os valores que preconiza ficassem exclusivamente nas mãos de uma disciplina facultativa como a de EMRC.

Para o antigo Secretario de Estado as disciplinas como DPS ou EMRC têm uma função formativa que vai para além da dimensão científica, de áreas como a História, a Física, a Matemática, a Teologia ou a Psicologia. Assim, para ele, as disciplinas de DPS e EMRC utilizam o conhecimento científico para sustentar e estimular a dimensão formativa.¹² No que à EMRC diz respeito advoga que esta, para além da Teologia, usa outras áreas científicas sem necessariamente usurpar os seus “territórios”, desta feita, acentua-se o seu caráter formativo conjugado com conhecimentos comuns a outras áreas, justificando assim a plausibilidade de um sistema de alternância.

Uma última questão, e já mais distante de circunstâncias ideológicas, é a questão da Harmonia Pedagógica. Aqui as dúvidas residem na dimensão organizacional das turmas e em possíveis segregações nas mesmas. Acresce que se DPS fosse organizada em função das necessidades específicas de uma turma, como se chegou a sugerir, em regime de alternância, os alunos de EMRC ficariam privados do trabalho de turma. Contudo, também parece ser claro que o objetivo desta nova disciplina não passasse por ser uma hora de resoluções administrativas. É de sublinhar ainda o facto de que DPS ao aparecer como alternativa a EMRC poderia suscitar a uma certa ideia de que EMRC seria para os católicos e DPS para não católicos.

Posto tudo isto, Pedro d’Orey da Cunha concluí a sua reflexão com algumas considerações e sugestões destacando-se:

- a ideia de que os programas de DPS deveriam refletir efetivamente uma formação orientada para os valores, assegurando a base moral e cívica dos jovens.
- esta orientação estava de acordo com os limites previstos na Constituição de não programação da educação, já referidos.
- **a proposta de uma revisão dos programas de EMRC** tendo em conta a intenção da hierarquia católica e da vantagem de tratar amplos temas como ecologia,

¹² É preciso considerar que Pedro d’Orey da Cunha distingue com muita clareza o conhecimento estrito científico e o conhecimento formativo, defendendo a simbiose de ambos na formação curricular dos jovens.

educação do consumidor, saúde, sexualidade, família, prevenção de acidentes e participação cívica ativa. Para além do conteúdo deveria ainda cuidar dos seus métodos.

- deveria ser promovida uma avaliação constante nas escolas de modo a prevenir e a corrigir abusos e atropelos no que à liberdade de religião e de culto diz respeito.

Não é difícil percebermos o interesse que tem esta reflexão sobre a Alternância, que acaba sobretudo por nos obrigar a repensar os nossos métodos e os nossos conteúdos face à confessionalidade da disciplina.

As questões continuam a ser – o que é que está ou não a mais que não pertence ao espaço escola? O que se pode acrescentar que cimente a identidade confessional sem que isso prejudique a ampla frequência de uma pluralidade de alunos, contribuindo assim para a sua formação cívica e moral?

2.2.1 Eixos de análise

Formação Religiosa Confessional (FRC) – entende-se por formação religiosa confessional tudo o que está claramente vinculado ao fenómeno religioso e neste caso, exprime a intenção da hierarquia católica.

Formação Pessoal e Social (FPS) – entende-se por Formação Pessoal e Social tudo o que orienta para os valores universalmente aceites e está concretizado dentro dos limites constitucionais que proibem ao Estado programar a educação.

2.2.2 Dispositivo de análise e instrumentos de recolha de dados

A fim de analisarmos a Unidade Letiva 3 do nono ano, “Projeto de Vida”, recorreremos ao Programa de EMRC de 2014 e às respetivas Metas, Objetivos e Conteúdos. Utilizámos como princípio de tratamento de dados o método qualitativo, mais especificamente a partir da análise de conteúdo (Almeida & Freire, 2008), procurando confrontar os dados apresentados, ou seja, as Metas, Objetivos e Conteúdos do Programa, com o quadro teórico e os eixos de análise que o investigador traçou a partir da visão de

Pedro d'Orey da Cunha sobre a pertinência da alternância à disciplina de ensino religioso na escola, e por consequência a sua pertinência no espaço escolar.

Poderão ser observadas grelhas de análise. Terão como objeto de análise as Metas, os Objetivos e os Conteúdos, respetivamente, diante dos eixos, indicadores, definidos, ou seja, se as propostas que contêm são do âmbito da Formação Religiosa Confessional ou do âmbito da Formação Pessoal e Social, ou das duas. A estas intercalam-se as grelhas de leitura de frequências absolutas e relativas, ajudando-nos posteriormente a elaborar as conclusões sobre os dados. Trata-se de uma análise estatística, descritiva simples, indicadora de tendências. Tratando-se de análise de conteúdo falamos de um procedimento de certa forma empírico. Ainda assim, as suas características mais maleáveis não deixam de nos permitir a elaboração de deduções específicas dado que temos em conta variáveis\indicadores, precisos fundados no quadro teórico apresentado (Bardin, 2004, p. 108).

2.2.3 Recolha de Dados e Apresentação de Resultados

2.2.3.1 Relativamente às Metas

| Metas | FRC | FPS |
|---|-------------|------------|
| Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. | ✓ | |
| G. Identificar os valores evangélicos. | ✓ | |
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. | ✓ | ✓ |
| C. Identificar o núcleo central as várias tradições religiosas. | ✓ | ✓ |
| Frequência Absoluta | 4/4 | 2/4 |
| Frequência Relativa | 100% | 50% |
| Comuns | 50% | |

2.2.3.2 Relativamente aos Objetivos

| Objetivos | FRC | FPS |
|---|-------------|------------|
| 1. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal. | ✓ | ✓ |
| 2. Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos. | ✓ | ✓ |
| 3. Compreender a construção de projetos de vida na experiência de encontro com Deus. | ✓ | |
| 4. Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade. | ✓ | |
| Frequência Absoluta | 4/4 | 2/4 |
| Frequência Relativa | 100% | 50% |
| Comuns | 50% | |

2.2.3.3 Relativamente aos Conteúdos

| Conteúdos | FRC | FPS |
|---|------------|------------|
| <ul style="list-style-type: none"> • Definição de projeto: <ul style="list-style-type: none"> – Objetivos e metas pessoais; – Estratégias facilitadoras; – Agir em conformidade; | ✓ | ✓ |
| • Projetos pessoais, de grupos e de instituições; | ✓ | ✓ |
| • Projeto e/ou projetos? | ✓ | ✓ |
| • Vocação e profissão | ✓ | ✓ |
| <ul style="list-style-type: none"> • Os grandes objetivos do ser humano, sonhos da humanidade: <ul style="list-style-type: none"> – A felicidade própria e alheia; | ✓ | ✓ |

| | | |
|--|--------------|-------------|
| – A construção de uma sociedade justa e solidária: a denúncia da injustiça e a participação ativa na construção do bem comum. | | |
| • As várias opções de vida e a “Opção fundamental”. | ✓ | |
| • O papel dos bens materiais na construção de projetos pessoais. | ✓ | ✓ |
| • Riscos e limitações da procura da felicidade centrada apenas na preocupação do ter; | ✓ | ✓ |
| • Uma perspetiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais: <ul style="list-style-type: none"> – o valor do estudo, do trabalho e do esforço; – a importância da partilha de dons e de bens. | ✓ | ✓ |
| • O projeto de Abraão. A descoberta de um Deus único e relacional: Gn 12,1-14;15,1-7. | *✓ | |
| • O projeto de S. Paulo. A descoberta de Cristo como eixo orientador da vida: Act 9, 1-20. | *✓ | |
| • A parábola dos talentos: Mt 25, 14-29. | *✓ | |
| • A fé como fonte de felicidade. | ✓ | |
| • O princípio da felicidade humana: <ul style="list-style-type: none"> – o amor a Deus e ao próximo (Judaísmo/Cristianismo); – o amor aos inimigos (Cristianismo); – a prática da justiça, da verdade e das boas obras (Islão); – a superação da dor e infelicidade humanas (Budismo); – a realização do Dharma (Hinduísmo); – a preservação da ordem cósmica e do fator humano (Confucionismo). | ✓ | |
| • A esperança, a alegria e a confiança na realização própria e dos outros: Rm 12, 9-18. | *✓ | |
| Frequência Absoluta | 15/15 | 8/15 |
| Frequência Relativa | 100% | 53% |
| Comuns | 53% | |

- O asterisco adicional (*), junto dos vistos, indica que na nossa opinião e pelo seguimento das aprendizagens na Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada, aqueles indicadores são recursos de apoio a possíveis conteúdos e não conteúdos em si.

2.2.4 *Análise dos dados*

Tendo em conta os quadros de análise apresentados podemos referir que em quatro Metas:

- São do domínio da Formação Religiosa Confessional – 100% (4)
- São do domínio da Formação Pessoal Social – 50% (2)

Neste sentido podemos dizer que é inegável a presença do fator religioso na elaboração das Metas em possível detrimento de uma construção das mesmas tendo em vista a inclusão dos ditos axiomas universalmente aceites. Desenhadas desta forma elas pressupõem em parte que o aluno adira ao facto religioso estritamente cristão, ou pelo menos tenha um conhecimento suficiente da existência do mesmo.

No que se refere aos Objetivos, também eles quatro, podemos indicar o seguinte:

- São do domínio da Formação Religiosa Confessional – 100% (4)
- São do domínio da Formação Pessoal Social – 50% (2)

Na elaboração dos Objetivos já é notória a existência de uma percentagem de “comuns” considerável, ou seja, metade dos objetivos são de ambos os domínios, o que significa que podemos dizer que pelo menos estes 50%, sendo universalmente aceites estão também no âmbito da formação religiosa confessional, contudo na análise feita percebe-se que os 50% relativos às Metas não são correspondentes na totalidade aos 50 % relativos aos Objetivos. Se tivermos em conta que as Metas se desdobram em Objetivos e depois os Objetivos em Conteúdos há, que diz respeito aos dois primeiros, uma inconsistência no dito desdobramento, revelando uma falta de estratégia no desenvolvimento curricular para a articulação dos Objetivos com as Metas.

No que diz respeito aos Conteúdos na sua totalidade, ou seja, quinze, pode observar-se que:

- São do domínio da Formação Religiosa Confessional – 100% (15)
- São do domínio da Formação Pessoal Social – 53% (8)

Na análise do indicador “conteúdos”, devemos referir novamente que pelo menos três não deveriam ser considerados conteúdos, mas sim recursos. Daí a menção feita no quadro e a indicação já anteriormente referida. Esses “não conteúdos” dizem respeito a 27 % do analisado.

Atenda-se que a preocupação com o enquadramento na formação religiosa confessional está bem presente em todos os conteúdos, sendo que não é impertinente a presença dos mesmos numa área de formação pessoal e social, numa razoabilidade de 53%.

2.2.5 Interpretação dos dados

Ao termos presente os dados acima tratados, fazemos agora a interpretação dos mesmos em ordem a uma reflexão que conduza a uma sugestão de reestruturação\valorização da unidade letiva.

Olhando para as Metas propostas e para a sua grelha de análise, compreendemos que têm uma clara identificação com o fator religioso confessional. No nosso entender todas elas não parecem ser necessariamente inoportunas no seu fim, ainda assim, carecem claramente de uma reformulação no que à significação do que querem dizer e atingir diz respeito. Entenda-se que, por exemplo, na primeira, a expressão verbal “reconhecer” pode ser entendida como proposta de adesão, como que vinculativa, à mensagem cristã. Pode parecer-nos um preciosismo a hermenêutica verbal, mas na verdade as palavras transpõem significados. Neste caso, por exemplo, seria muito pertinente que os alunos “identificassem” na mensagem cristã o grande valor da dignidade da vida humana. Esta meta formulada desta forma, abordaria o conteúdo religioso, mas permitia que aqueles que, por exemplo, ainda se identificando com a axiologia cristã, não professem necessariamente um credo, pudessem estar incluídos nas dinâmicas da disciplina.

Contudo, e antes de prosseguirmos, é bom percebermos também que este processo de análise e ou reformulação, tipificado no exemplo anterior, pode trazer em si uma certa perversidade, ou seja, permitir que até mesmo sem intenção a identidade específica de EMRC possa ficar colocada em causa. Assim, e fazendo este exercício, parece-nos interessante pensar que a possibilidade de existência de uma alternância, como fala Orey da Cunha, não só seria útil para os que não se sentem de todo enquadrados, mas também

ajudaria a formular melhor quais são efetivamente as nossas metas e os nossos objetivos e evidentemente a partir disso o que propomos como conteúdos. Deixemos esta nota intermédia, que nos parece oportuna, e continuemos a analisar os dados.

No que aos objetivos se pode observar, vê-se que o equilíbrio entre aqueles que dizem respeito ao âmbito da Formação Religiosa Confessional e os respeitantes à Formação Pessoal e Social é bastante maior, existindo, contudo, a inconsistência que referimos na interpretação dos dados. Ainda assim, o terceiro e quarto objetivo, tal como nas Metas, pressupõem pelo menos uma existência de fé quando falam da “experiência de encontro com Deus” e do “reconhecer a Fé”. Uma maior curricularidade dos objetivos, por assim dizer, não feriria a identidade da disciplina indo assim ao encontro do que reflete o Papa Francisco sobre o trabalho nas instituições educativas e o trabalho com jovens: devemos ser uma Igreja com as portas abertas, sem que seja necessário sequer que uma pessoa aceite completamente todos os ensinamentos da Igreja para poder participar em alguns dos nossos espaços dedicados aos jovens, deve haver espaço também para todos aqueles que têm outras visões da vida, professam outras crenças ou se declaram alheios ao horizonte religioso (Francisco, 2019). Isto ganha e faz ainda mais sentido no contexto escolar e curricular.

Debruçarmo-nos criticamente sobre os conteúdos é ir ao encontro de uma das principais intenções da reflexão de Pedro d’Orey da Cunha, e claro, também nossa neste contexto. Ao falarmos de conteúdos estamos sobretudo a falar daquilo que queremos que os alunos retenham e aprendam, tornem significativo no seu processo de aprendizagem.

É nos conteúdos que se nota um maior número de indicadores comuns. Todas as linhas traçadas nos primeiros cinco, por exemplo, podem ser comuns a qualquer jovem na faixa etária em questão. Não deve ser indiferente a um jovem na idade de transição do Ensino em Ciclo para o Ensino Secundário a ideia de projeto e de opção de vida. Os conceitos utilizados não são exclusivos do discernimento eclesial, como por exemplo a expressão vocação. A ideia de se sentir “chamado” a fazer algo e a discernir esse algo é uma ideia que transcende um credo. O mesmo se aplica à ideia da distinção entre vocação e profissão. Se pensarmos na dimensão social e pessoal e no chamado universalmente aceite, a questão da felicidade e a questão de uma sociedade justa e solidária enquadra-se perfeitamente em ambos os indicadores, tal como a questão do materialismo ou do justo valor do trabalho.

Consideramos ainda que olhar a questão da felicidade humana do ponto de vista das várias tradições religiosas, para além de um conteúdo próprio de uma disciplina como

EMRC, é também um excelente contributo para a formação pessoal e social de cada individuo que vive numa sociedade plural onde a religião é naturalmente um elemento presente. A própria crença por si só, indubitavelmente ligada à ideia de religiosidade e às cosmovisões, faz parte como que da *competência vital*¹³ do homem. São até mesmo um elemento central da sua existência, não somente por causa da experiência interior e pessoal sobre o sentido da vida, mas também, porque das crenças e da religiosidade depende a inserção no grupo social ou na vida do quotidiano (Sebastião, 2008).

As parábolas bíblicas apresentadas, como já referido, não são na nossa ótica um conteúdo, ainda assim, entendemos que encontrariam sentido, enquanto recurso, no trato por exemplo dos conteúdos que abordam a questão da vocação e do projeto, para exemplificar e trabalhar a génese da ideia de vocação que reside também, como é natural, na cultura bíblica e na tradição judaico-cristã.

2.2.6 Opções Pedagógico – Didáticas

2.2.6.1 Reflexões conclusivas

Após a leitura do quadro teórico e consequente análise de dados podemos tirar algumas conclusões. Tenha-se em conta que fomos ao longo da análise fazendo algumas notas que poderiam porventura constar nesta última parte, ainda assim, fizemo-las no corpo da análise por nos parecer pertinente aquando dos eixos de análise.

Uma das conclusões do próprio Pedro da Cunha à época é que se proceda a uma proposta de revisão dos programas de EMRC. Passados alguns anos, e certamente não com a brevidade por todos desejada, as revisões programáticas foram acontecendo, tendo nós agora em mãos o programa de 2014. Muito deste programa, bem como, anteriores, foram paulatinamente respondendo à justa ideia de que, tendo em conta sempre a intenção da hierarquia católica, EMRC devia claramente tratar temas amplos e transversais como alguns já referidos – a ecologia, a educação do consumidor, saúde, sexualidade, família, prevenção de acidentes e participação cívica ativa. Esta unidade letiva é no nosso ponto de vista bastante útil para esta faixa etária e para este momento de transição de ciclo.

¹³ A Competência vital (life competence) é entendida, segundo a definição Wolfgang Brezinka como o “ideal da soma de todas as competências, conhecimentos e atitudes vistas pela comunidade como necessárias para a independência pessoal e a capacidade de viver a própria vida de uma forma socialmente responsável e plena de significado” (Belief, 1994, p. 33).

Parece-nos, contudo, que poderia ter alguns melhoramentos a vários níveis. Primeiramente no timing da lecionação. Seria mais vantajoso a unidade começar a ser lecionada nas primeiras datas do calendário escolar. Daqui poder-se-ia retirar a possibilidade de iniciar a parte do conteúdo propriamente dito no primeiro período, indo depois, ao longo do ano acompanhando a realização de um projeto pessoal que o aluno viria a desenvolver. Esta é uma fase fundamental onde os serviços escolares de apoio vocacional procuram ajudar os alunos a trilhar opções para o futuro. Era bom que EMRC, especialmente no 9º ano, tivesse uma certa capacidade de a partir das suas metas, objetivos e conteúdos, promover uma certa interdisciplinaridade com estas áreas sociais e humanas. Cada vez mais a escola só se entende enquanto trabalho em rede para a potencialização da totalidade do aluno. No que ao discernimento sobre o projeto de vida diz respeito, um aluno que comungue da axiologia cristã deverá ter sempre esta variável presente.

O texto de Pedro d'Orey da Cunha ainda que aparentemente extemporâneo pela distância à sua redação, é bastante pertinente para nos ajudar a compreender a amplitude que a disciplina de EMRC poderia ter. Esta fica muitas vezes reduzida a pedagogias individuais e a “ginásticas” em sala de aula por parte dos docentes. O nosso contributo pode ser maior e com mais qualidade. Talvez a questão da alternância seja mesmo uma discussão oportuna. Por um lado, alguém só pode optar, havendo opção, por outro, estou certo de que seríamos mais cuidados no trato do nosso desempenho docente se os alunos tivessem alternativas razoáveis a EMRC que não o intervalo. Este não é de todo o nosso tema, mas como de pode observar foi em excelente catalisador para percebermos o que faz sentido estar ou não estar na estrutura e nos conteúdos de uma unidade letiva tão ampla como esta.

2.2.6.2 Proposta de Reformulação

Assim sendo, e de forma objetiva, sugeríamos relativamente à unidade letiva que:

- fossem revistos os objetivos, particularmente o terceiro, supondo a hermenêutica que acima referimos, nomeadamente ao nível da reformulação no que à significação do que querem dizer e atingir diz respeito.

- em linha com a anterior, rever as metas, os objetivos e os conteúdos, que apesar de se enquadrarem numa educação para os valores, revestem-se de um caráter doutrinal ou catequético que não tem à partida sentido curricular estrito. Isto é mais notório nas metas e nos objetivos. Esta revisão deveria ter em conta que o Programa de EMRC, pela sua génese deve prestar à partida, também ele, uma educação para os valores universalmente aceites. Assim os indicadores referidos, teriam maior enquadramento curricular indo ao encontro da intenção da Lei de Bases, no que à formação civil e moral diz respeito (LBSE, 1986).

- Como referido na análise estas reformulações não devem dissimular ou mesmo retirar a identidade católica da disciplina, mostrando sim o justo contributo da axiologia cristã para a sociedade hodierna.

- devem ser distinguidos de forma mais clara os elementos que constituem conteúdos e os que constituem recursos. Sendo, por exemplo neste caso, as passagens bíblicas recursos úteis, não têm de ser um conteúdo de aprendizagem.

- serem disponibilizados, para além do manual, recursos das ciências humanas, que nos ajudem a construir o percurso de um projeto de vida dito cristão, mas legitimamente apoiado noutras ciências que não só a teológica.

- relativamente à valorização da unidade no que à sua matriz cristã diz respeito, sugere-se uma equilibrada utilização da gramática vocacional. Muitos dos recursos que se apoiam nos atuais conteúdos têm uma marcada conceção vocacional eclesial.

- com base nas atividades realizadas com os alunos em *focus group*, sugere-se a inclusão do que chamamos a dimensão existencial do projeto pessoal: “Quem sou? O que quero? Para onde vou?”.

- sugere-se ainda com base no quadro teórico enunciado a inclusão dos conceitos de perseverança; prudência e discernimento.

UL 3 – PROJETO DE VIDA

| PROGRAMA SNEC 2014 | | | Proposta de reestruturação/valorização | | |
|--|---|--|--|---|--|
| METAS | OBJETIVOS | CONTEÚDOS | METAS | OBJETIVOS | CONTEÚDOS |
| <p align="center">Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana</p> | <p>1. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> <p>2. Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida.</p> | <p>Definição de projeto:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objetivos e metas pessoais; - Estratégias facilitadoras; - Agir em conformidade; <p>· Projetos pessoais, de grupos e de instituições;</p> <p>· Projeto e/ou projetos?</p> <p>· Vocação e profissão.</p> <p>Os grandes objetivos do ser humano, sonhos da humanidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A felicidade própria e alheia; - A construção de uma sociedade justa e solidária: a denúncia da injustiça e a participação ativa na construção do bem comum. <p>· As várias opções de vida e a “ Opção fundamental”.</p> <p>· O papel dos bens materiais na construção de projetos pessoais.</p> <p>· Riscos e limitações da procura da felicidade centrada apenas na preocupação do ter;</p> <p>· Uma perspectiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o valor do estudo, do trabalho e do esforço; | <p align="center">Q. Reconhecer, partir da axiologia cristã, a dignidade da pessoa humana</p> | <p>1. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> <p>2. Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida.</p> | <p>Definição de projeto:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objetivos e metas pessoais; - Estratégias facilitadoras; - Agir em conformidade; <p>· Projetos pessoais, de grupos e de instituições;</p> <p>· Projeto e/ou projetos?</p> <p>· Vocação (vocare)e profissão.</p> <p>- Projeto de Vida alicerçado na:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perseverança. - Prudência. - Discernimento. <p>- O Discernimento – Capacidade de distinguir\ “ver claro entre”.</p> <p>Os grandes objetivos do ser humano, sonhos da humanidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A felicidade própria e alheia; - A construção de uma sociedade justa e solidária: a denúncia da injustiça e a participação ativa na construção do bem comum. <p>· As várias opções de vida.</p> <p>· O papel dos bens materiais na construção de projetos pessoais.</p> |

| | | | | | |
|--|---|---|--|--|---|
| <p>G. Identificar os valores evangélicos</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</p> | <p>3. Compreender a possibilidade de construir projetos de vida na experiência de encontro com Deus.</p> <p>4. Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade.</p> | <p>– a importância da partilha de dons e de bens.</p> <ul style="list-style-type: none"> · O projeto de Abraão. A descoberta de um Deus único e relacional: Gn 12,1-14;15,1-7. · O projeto de S. Paulo. A descoberta de Cristo como eixo orientador da vida: Act 9, 1-20. · A parábola dos talentos: Mt 25, 14-29. <p>· A fé como fonte de felicidade.</p> <p>· O princípio da felicidade humana: <ul style="list-style-type: none"> – o amor a Deus e ao próximo (Judaísmo/Cristianismo); – o amor aos inimigos (Cristianismo); – a prática da justiça, da verdade e das boas obras (Islão); – a superação da dor e infelicidade humanas (Budismo); – a realização do Dharma (Hinduísmo); – a preservação da ordem cósmica e do fator humano (Confucionismo). </p> <p>· A esperança, a alegria e a confiança na realização própria e dos outros: Rm 12, 9-18.</p> | <p>G. Identificar os valores evangélicos</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</p> | <p>3. Compreender a possibilidade de construir projetos de vida alicerçados na experiência religiosa.</p> <p>4. Reconhecer a experiência religiosa como uma parte da totalidade do homem</p> | <ul style="list-style-type: none"> · Riscos e limitações da procura da felicidade centrada apenas na preocupação do ter; · Uma perspectiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais: <ul style="list-style-type: none"> – o valor do estudo, do trabalho e do esforço; – a importância da partilha de dons e de bens. · - Dimensão existencial do Projeto de Vida – Quem sou? O que quero? Para onde vou? · O princípio da felicidade humana: <ul style="list-style-type: none"> – o amor a Deus e ao próximo (Judaísmo/Cristianismo); – o amor aos inimigos (Cristianismo); – a prática da justiça, da verdade e das boas obras (Islão); – a superação da dor e infelicidade humanas (Budismo); – a realização do Dharma (Hinduísmo); – a preservação da ordem cósmica e do fator humano (Confucionismo). |
|--|---|---|--|--|---|

CAPÍTULO III
PROCESSO DE ENSINO – APRENDIZAGEM

3.1 Sequencia do Processo de ensino-aprendizagem

Ao longo do período de estágio, todas as aulas lecionadas foram devidamente planejadas com a orientação do professor cooperante, como já tivemos a oportunidade de referir. É fácil de reconhecer a importância desta orientação e colaboração. Ainda que o estagiário já tivesse exercido a docência com habilitação própria, como é o nosso caso, o exercício de planejar sistematicamente e num modelo rigoroso, aperfeiçoa a técnica e dissipa alguns vícios que podem ser comuns com um estilo não profissional estrito da docência. Por isto mesmo é necessário que um docente se atualize e amplie a sua formação com regularidade, dado a mutabilidade das técnicas e meios de transmissão do conhecimento com que hoje nos confrontamos.

Pretendemos neste momento do Relatório sintetizar aquilo que foram as nossas práticas letivas, que podem ser observadas ao pormenor no nas planificações aula a aula que se encontram nos anexos deste Relatório.

Na primeira aula da unidade letiva em estudo (aula 15) – Projeto de Vida – procurámos introduzir o conceito de Projeto a partir de três vértices nucleares: a necessidade de estabelecer objetivos, o projeto como um itinerário para a realização pessoal e o percurso\caminho feito para construir o projeto olhando para mim e para os que me rodeiam.

Na segunda aula e terminada a reflexão do conceito e da triangulação dos vértices de suporte, procurou-se e de acordo com os conteúdos propostos para o nono ano, distinguir a ideia de vocação e de profissão. Explicou-se a etimologia da palavra – vocare. O recurso à explicação etimológica mostra-se sempre útil pois é notório o interesse que os alunos demonstram a este tipo de abordagem. Foi ainda utilizado neste âmbito um vídeo onde o Papa Francisco reflete sobre os desafios para os jovens de hoje, nomeadamente a ideia, que lhe é muito conhecida, da necessidade de combater o conformismo.

Seguiu-se no plano das aulas seguintes uma reflexão sobre a dimensão existencial do projeto pessoal: Quem sou? O que quero? Para onde vou? Foram propostas algumas questões de reflexão, debatidas em *focus group* com intervenções mediadas pelo docente ou pelos moderadores dos grupos quando constituídos.

Já na aula 19, ou seja, na quinta aula dedicada à unidade tratada, introduziu-se o conceito de perseverança na construção do Projeto de Vida. Recorreu-se, por exemplo, ao poema

de Miguel Torga, Sísifo, o qual os alunos analisaram em perspetiva com a abordagem do conceito de perseverança e comentaram no espaço turma.

Na aula seguinte iniciamos o diálogo sobre o discernimento no Projeto de Vida, sendo apresentado o conceito e recorrendo-se novamente à divisão etimológica da palavra. *Discernere*, composto por *cernere*, ou seja, *ver claro, distinguir*, sendo precedido de *dis*, ou seja, *entre*. Discernir significa “ver claro entre”, estar atento, escolher e separar. Esta divisão permitiu reaver a ideia da necessidade de um projeto para a vida pessoal e do estabelecimento de metas e opções em ordem às mesmas, não numa perspetiva exclusivamente calculista, mas a partir de um diálogo que promova a totalidade da pessoa humana.

Ainda nesta aula foi entregue aos alunos a estrutura de um possível projeto de vida que viria a ser trabalhado nas aulas seguintes e terminado e partilhado na última aula em que o docente estagiário participou e que foi lecionada via online dado o surto pandémico.

Dado a unidade letiva não ser extensa foi plausível a sua aplicação no tempo a que nos propusemos. As planificações foram devidamente executadas e os alunos responderam muito bem aos timings por nós propostos.

Nos anexos do presente relatório podem ser observadas todas as planificações que foram feitas e executadas ao longo do processo de estágio. Decidimos não nos alongar na explanação das mesmas neste ponto, pois uma leitura atenta das mesmas, sobretudo no plano das estratégias de aula, levarão ao conhecimento e compreensão do trabalho realizado.

3.2 Recursos

Ao longo do estágio recorreu-se à utilização de vários recursos que podem ser consultados nos anexos, nomeadamente os PPT's de apoio. Destacamos a utilização do material comum de sala de aula e o Programa escolar Inovar, com o já estávamos familiarizados; a utilização sistemática do caderno diário ou portefólio do aluno; o manual adotado e editado pelo SNEC; os documentos e fichas produzidos pelo estagiário e a estrutura de um possível projeto pessoal de vida.

- **PPT's de Apoio** – os objetos de apoio (LO) são um instrumento muito útil no processo de ensino. Com eles o docente consegue sintetizar e agrupar informação que está muitas vezes dispersa em outros recursos como os manuais ou as páginas web de consulta livre.

- **Caderno diário/Portefólio** – tanto um como outro recurso são fundamentais para o aluno fazer os registos formais e informais dos conteúdos lecionados, bem como de outras matérias de interesse pessoal que o próprio possa querer acrescentar ao currículo da disciplina. Serve como base de apoio à avaliação do docente, pois a partir destes percebe-se muitas vezes a forma como o aluno se organiza e dispõe para a aprendizagem.

- **Manual** – é um recurso importante dado que contém muitos sub recursos devidamente organizados e sintetizados no seu todo. Não deve ser o guia orientador do docente, mas sim um instrumento de apoio base. Considere-se que os alunos, e mesmo os professores, mostram muita dependência deste recurso que utilizado justamente continua a mostrar-se útil.

- **Fichas** – as fichas ou as chamadas questões de aula, ou exercícios de comentário, são importantes na medida em que agrupam e sintetizam informação de forma imediata. O aluno tem a curto prazo a possibilidade de expor e dissertar sobre o que aprendeu, não deixando necessariamente para o final do período a retenção dos conteúdos a fim de os “despejar” num teste final.

3.3 Instrumentos de Avaliação

No contexto desta unidade letiva os alunos foram avaliados com o recurso a um comentário completo e estruturado ao filme Billy Elliot, com o Portefólio\ Caderno pessoal e com a elaboração do Projeto Pessoal de Vida. A concretização destes instrumentos e respetiva avaliação pode ser consultada nos anexos deste Relatório.

A avaliação é um ato regulador das práticas pedagógicas, assumindo também uma função de certificação daquelas que foram as competências desenvolvidas. Para além disto a avaliação é fundamental para perceber quais as melhores opções a tomar em ordem à melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem (Abrantes, 2002).

O Colégio de Nossa Senhora de Lourdes tem os seus critérios de avaliação divididos em dois grandes domínios: As competências cognitivas e as competências socio-afetivas. As primeiras têm uma ponderação de 70% na avaliação sendo que incluem parâmetros como os testes de avaliação, os trabalhos individuais e de grupo, as fichas de leitura, relatórios, e apresentações escritas e/ou orais. No segundo domínio, ponderado em 30%, considera-se o respeito pelos outros, a cooperação, o empenho e a responsabilidade, o uso do material de aula, a participação assertiva e o sentido crítico, a assiduidade e a pontualidade.

| Domínio | Parâmetros | Peso (%) |
|-----------------------------|--|----------|
| Competências Cognitivas | <ul style="list-style-type: none">• Testes de avaliação;• Trabalhos individuais/grupo;• Fichas de leitura;• Relatórios;• Apresentações escritas e/ou orais. | 70% |
| Competências Sócio-afetivas | <ul style="list-style-type: none">• Respeito pelos outros;• Cooperação, empenho e sentido de responsabilidade;• Material necessário à aula;• Participação nas aulas com assertividade e sentido crítico;• Interesse pelas atividades desenvolvidas;• Realização dos trabalhos de casa;• Assiduidade;• Pontualidade; | 30% |

3.4 Atividade enriquecimento Curricular

Nome da atividade: “Há” conversa com ... Carmo Themudo Amaral

| 3º Ciclo – 9º Ano | Data: | |
|---|--|---|
| OBJETIVOS | ESTRATÉGIAS / ACTIVIDADES | RECURSOS |
| <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer, a partir da axiologia cristã, a dignidade da pessoa humana. • Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal. • Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida. • Compreender a importância da Pessoa na sua totalidade e integralidade para a concretização do Projeto de Vida. | <ul style="list-style-type: none"> • A atividade consiste num encontro com a responsável da unidade do desenvolvimento integral da pessoa (UDIP) da Universidade Católica Portuguesa – Porto. • Uma conversa em estilo de tertúlia onde é pedido à convidada que se apresente e explique brevemente o trabalho da UDIP. • É de salientar que para além do trabalho da organização universitária, a convidada tem na sua vida pessoal e no projeto familiar exemplos de opções que ilustram a pluralidade dos projetos de cada um. • Os alunos serão convidados na aula antecedente à atividade a preparar um guião de algumas perguntas, com um perfil preparado pelo docente, de modo a fluir o diálogo com a convidada após a sua intervenção inicial. • O docente estagiário orientará o diálogo inicial e a ordem das questões. | <ul style="list-style-type: none"> • Sala de aula • Águas |
| <p>AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE – A atividade não se realizou devido à alteração do calendário motivada pelo surto pandémico.</p> | | |

3.5 Balanço crítico de desempenho

O reconhecimento da profissionalidade é algo comum às várias profissões, ela distingue o grupo profissional e por norma confere-lhe um saber próprio. No caso da docência torna-se sobressai a ideia de que é necessário uma estreita ligação entre a natureza da função docente e o conhecimento que legitima o exercício da mesma (Roldão, 2007). A nós interessa-nos particularmente esta reflexão inicial pois já exercíamos a função docente, com Habilitação Própria, antes da profissionalização, como já referido. Por isso mesmo notamos que é importante não encarar a profissionalização como um mero ato de iniciação profissional, de cumprimento de um conjunto de exigências académicas com o intuito de obter um grau que permita a inserção e progressão na carreira docente. O ser um bom profissional não se adquire exclusivamente, de todo, pela experiência de lecionação, que no meu caso, por exemplo, era ainda parca, mas também pela partilha de conhecimento na área específica da educação e pela aquisição de competências próprias para a função. A vocação e o carisma são um fator importante e para muitos, um fator decisivo, contudo, sem a expressão comum do ser docente, pode correr-se o risco de se ser professor, porque “até se tem jeito”. É necessária uma equidade nestes fatores, que formam um todo e dão sentido à profissão docente, nomeadamente ao docente de EMRC. O Magistério da Igreja reflete muitíssimo bem esta questão quando na *Gravissimum Educationis* se diz que àquele que ensina nas escolas, se exige especiais qualidades de inteligência e de coração, bem como uma preparação esmerada, associada a uma constante vontade de renovação e adaptação (Gravissimum Educationes, 1965). Também o Código de Direito Canónico no Cân. 804 é claro quanto à especificidade do professor associado ao ensino católico: “os professores escolhidos para ministrar o ensino religioso nas escolas, mesmo não católicas, sobressaiam pela exatidão da doutrina, pelo testemunho de vida cristã e pelas qualidades pedagógicas” (Código Direito Canónico, 1995).

Serve tudo isto para referir que em primeiro lugar foi muito útil adquirir os conhecimentos concretos que foram passados neste Mestrado. A avaliação que agora fazemos reflete sobretudo aquilo que foi este período e aquilo que é pedido a um docente de EMRC a partir do perfil traçado pela Conferência Episcopal Portuguesa: o professor de EMRC deve apresentar-se como um educador, um testemunho de fé e um dinamizador da conversão (SNEC, 2020).

Assim, procurei ter em conta a necessidade e a capacidade de acolhimento com os alunos, mantendo com eles sempre um diálogo franco e aberto. Esta capacidade de acolhimento foi extensível aos colegas de estágio a aos colegas docentes com quem contactei mais regularmente ou pontualmente. Tenha-se aqui em conta a proximidade e boa relação de trabalho com o orientador cooperante e de relatório, bem como o colega de estágio.

Procurei no domínio científico aumentar o meu campo de saber sobretudo através do Seminário da Prática de Ensino Supervisionada. É de destacar a aquisição de competências na área da planificação da atividade docente, bem como a evolução no desenvolvimento das mesmas face às dificuldades iniciais de planificar, por exemplo, um período devidamente calendarizado. Destaca-se ainda a ampliação dos conhecimentos no campo da terminologia própria da área de saber, bem como, o conhecimento de toda a legislação e emanações tutelares, sejam as mais recentes, sejam as de base do Sistema de Ensino.

No campo pedagógico foi sumamente importante a distinção entre a pastoral, a catequese e a disciplina de EMRC, as abordagens à sua dimensão exclusivamente curricular foram um considerável contributo para a nossa visão da missão do docente do ensino religioso numa escola pública e por conseguinte laica.

Devendo ser o professor alguém zeloso e digno das responsabilidades que lhe são atribuídas (Estrela, 2010) procurei cumprir com os meus deveres de assiduidade e pontualidade seja na escola cooperante seja na Universidade. Considero que cumpri globalmente com o planificado e sempre que alguma alteração às planificações semanais se justificava, foi feita sempre com o sentido de aprendizagem e construção de novas práticas pedagógicas. Realizei todos os trabalhos solicitados tendo-os entregue sempre nas datas previstas. Procurei valorizar as apresentações e debates orais em aula, tendo-me pautado por uma postura cooperante e de procura pela verdade e equidade dos atos vários no decorrer da PES.

CONCLUSÃO

Ao terminarmos o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada apraz-nos concluir que este trabalho resulta de um período, conjugado entre aprendizagem em seminário e estágio, muito frutífero, seja ao nível do enriquecimento curricular pessoal, seja no que ao contributo para o estudo científico em educação, nomeadamente para a educação religiosa, diz respeito.

A nós interessou-nos visar especificamente sobre a inclusão do conceito de discernimento no currículo do nono ano, nomeadamente na unidade letiva que se refere ao projeto de vida pessoal. Tivemos o cuidado de pensar este incremento a partir de uma pequena reformulação da unidade letiva, procurando que dessa reformulação se compreendesse a importância da não dissimulação da identidade católica da disciplina mostrando sim, aquilo que consideramos ser um justo contributo da axiologia cristã para a sociedade hodierna, nomeadamente para os jovens em fase de transição e de adolescência.

Nesta conclusão gostaríamos de não ser alheios ao facto de nos parecer necessário estudar num futuro próximo mais recursos das ciências humanas que como já dissemos anteriormente ajudem a construir o percurso de um projeto de vida dito cristão. A procura constante, nomeadamente na educação, da relação das demais ciências sociais e humanas com a teologia é um passo muito importante para desenvolver uma matriz curricular em EMRC que a partir da matriz axiológica cristã contribua para o desenvolvimento pessoal e social dos nossos jovens. Daí que nesta valorização da unidade, e no que à sua matriz cristã diz respeito, percebemos ser importante uma equilibrada utilização da gramática vocacional. Muitos dos recursos que se apoiam nos atuais conteúdos têm uma marcada conceção vocacional-ecclesial que podem facilmente induzir à pastoral ou à doutrinação, algo que como tivemos oportunidade de perceber é do âmbito da confessionalidade e não deve ser confundido com a dimensão curricular de EMRC.

Ainda assim, julgamos que este trabalho, nomeadamente com a reflexão sobre sintagmas como perseverança; prudência e discernimento podem ser curricularmente enquadrados e contribuirão certamente para a maturação e o crescimento dos nossos jovens.

Referências Bibliográficas

- AE. (2018). *Aprendizagens Essenciais | Articulação com o Perfil dos alunos 9º Ano*. Ministério da Educação e Ciência . Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_9a.pdf
- Abrantes, P. (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico: Avaliação das Aprendizagens - Das conceções às práticas* . Lisboa : Ministério da Educação Departamento da Educação Básica.
- Almeida, L., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (5º ed.). Braga: Psiquilibrios.
- Angelini, G. (1997). *Le ragioni della scelta*. Magnano: Qiqajon.
- Aristóteles. (2000). *Ética Nicomáquea* . Madrid: Editorial Gredos.
- Azevedo, J., & Afonso, A. (2016). Arco Maior: pour une éducation miséricordieuse et pour une école juste . *Communication au colloque International de ACISE* (pp. 1-17). Cracovie: repositorio.ucp.pt.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdos*. Edições 70.
- Barruffo, A. (1989). Discernimento. Em S. d. Fioeres, & T. Goffi, *Dicionário de Espiritualidade* (pp. 284-291). São Paulo : Paulinas.
- Belief, M. a. (1994). *Belief, Moral and Education, trd. James Stuart Brice*. Avebury : Aldershot.

- Bento XVI. (2009). *Caritas in Veritate*. Obtido de http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html.
- Bento XVI. (30 de Setembro de 2010). *Verbum Domini*. Obtido de http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html#Palavra_de_Deus_e_culturas.
- Bianchi, E. (2018). *L'arte di scegliere. Il discernimento*. Milano: San Paolo.
- Bolívar, A. (4 (1) de 2012). Justicia social y equidad escolar. una revisión actual. *Revista Internacional de Educación para la Justicia Social (RIEJS)*, pp. 9-45.
- Bovon, F. (1991). *Commentaire du Nouveau Testament IIIc, L'Évangile selon Saint Luc (15,1 - 19,27)*. Genève : Labor et Fides.
- Brown, Fitzmyer, & Murphy. (1972). *Comentario Bíblico "San Jeronimo" III Nuevo Testamento I*. Madrid: Ediciones Cristiandad.
- Canavarro, A. (1991). O discernimento espiritual na «Imitação de Cristo». *Humanistica e Teologia* , pp. 55-90.
- Católica, I. (28 de Outubro de 1965). *Gravissimum Educationes*. Obtido de vatican.va: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html
- CEP. (27 de Abril de 2006). Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade. Obtido de Conferência Episcopal Portuguesa: <http://www.conferenciaepiscopal.pt>

- CIAD, C. I. (18 de Março de 2020). *Projeto Educativo das Escolas Amor de Deus*. Obtido de Colégio Nossa Senhora de Lourdes: <https://www.cnsLOURDES.com/wp-content/uploads/ProjEducativoNet.pdf>
- Cosme, A. (2018). *Flexibilidade Curricular, Propostas e Estratégias de Ação*. Porto: Porto Editora.
- CRP. (1976). Constituição da República Portuguesa. Obtido de <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa>
- Cunha, P. d. (1996). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Damon, W. (2009). *Que futuro para os jovens de hoje?* Lisboa: Presença.
- Estrela, M. T. (2010). *Profissão Docente, Dimensões Afetivas e Éticas*. Maia: Areal.
- Flecha, R., & Villarejo, B. (4 (2) de 2015). Pedagogia Crítica: Uma Abordagem o Direito Real de Educação. *Revista Internacional de Educación para la Justicia Social (RIEJS)*, pp. 87-100.
- Francisco, P. (2019). Christus vivit. Obtido de http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html
- Hamelin, G. (4 de Janeiro de 2010). O Sábio estoico possui o discernimento aristotélico? *Archai: as origens do pensamento ocidental*, pp. 93-99.
- Herráiz, M. (1979). Discernimiento: actualidad y motivaciones. *Revista de Espiritualidad*, pp. 509-534.
- Igreja Católica. (1995). *Código Direito Canónico*. Braga: AO Braga.

- Laporta, A. A. (2006). *Teoría y didáctica del patrimonio cultural cristiano : concepto y áreas de la cultura religiosa cristiana en España*. Granada: Universidad de Granada.
- LBSE. (14 de Outubro de 1986). Lei nº 46\86 LBSE. *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Obtido de <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada>
- Lentzen-Deis, F. (1998). *Comentario al Evangelio de Marcos*. Navarra: Verbo Divino.
- Lopes, J. M. (2002). *O projeto educativo da Companhia de Jesus, Dos Exercícios Espirituais aos nossos dias*. . Braga: Católica Editora.
- Monasterio, Rafael, & Carmona, A. (2012). *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apostoles*. Navarra: Verbo Divino.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Oporto, Guijarro, S., & García, M. S. (1995). *Comentario al Nuevo Testamento*. Madrid : Verbo Divino.
- Orchard, Sutcliffe, & Russel. (1957). *Verbum Dei, Comentario a la Sagrada Escritura* . Barcelona : Herder.
- PASEO. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Despacho nº 9311/2016, de 21 julho)*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência .
- Popper, K. (1974). *A sociedade aberta e seus inimigos*. São Paulo : Itatiaia limitada.
- Roldão, M. d. (2005). *Estudos de práticas de gestão do currículo – que qualidade de ensino e de aprendizagem*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Roldão, M. d. (2007). Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação* V. 12 n 34, pp. 94-103.

Sebastião, L. (2008). *Educar com Sentido, no horizonte de Teilhard de Chardin*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

SNEC. (2014). *Programa de Educação Moral Religiosa Católica*. Lisboa: Gráfica Almondina.

SNEC. (2015). *Quero Ser*. Fundação SNEC: Lisboa.

SNEC. (20 de Maio de 2020). *Educris, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã*. Obtido de educris.com: <https://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc>.

Sousa, F., Alonso, L., & Roldão, M. C. (2013). *Investigação para um currículo relevante*. Coimbra: Almedina.

Aquino, T. (1956). *Summa Theologiae VIII (STh)*. Madrid: BAC.

Terra, D. (2007). Discernir o crer cristão. *Disaskalia*, pp. 47-68.

Tetlow, J. (2019). *Sempre em discernimento, uma espiritualidade inaciana para o novo milénio*. Braga: Editorial A.O.

Vries, P. P. (1966). Bosquejo de una teología del discernimiento de espíritus. *Revista de Espiritualidad*, pp. 90-97.

4 Anexos

Os Anexos apresentados dizem respeito à gestão curricular anual, das duas unidades letivas lecionadas na Prática de Ensino Supervisionada, UL2 e UL3. Nas planificações encontram-se as que dizem respeito à aula de apresentação e às aulas lecionadas no segundo período no âmbito da UL3 deste Relatório. O número da aula diz respeito ao número sumariado. Encontra-se ainda a estrutura proposta para desenhar um possível Projeto Pessoal de Vida. As demais planificações e materiais utilizados constam do Portefólio entregue no Seminário de Prática de Ensino Supervisionado.

4.5 Documentos da Gestão do Currículo

4.5.1 Planificação anual por período

| PLANIFICAÇÃO – 1º Período | | |
|---|--|---|
| UL 2 – DEUS O GRANDE MISTÉRIO | | |
| 13 AULAS PREVISTAS | | 60 MIN |
| METAS | OBJETIVOS | CONTEÚDOS ¹⁴ |
| A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. | 1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. | - O acreditar e o confiar humanos. - A problemática da existência de Deus: crença e razão; · As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; · Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso. · O crente e a fé em Deus: representações de Deus: a cultura e a arte. |
| C. Identificar o núcleo central das várias | 2. Identificar as representações de Deus | - Representações de Deus no Antigo Testamento: o Judaísmo; - O Deus de Jesus Cristo: o Cristianismo. |

¹⁴ Por indicação do Docente da Prática de Ensino Supervisionada alguns conteúdos desta Unidade foram reformulados tendo em vista a pluridimensionalidade e a pertinência curricular da disciplina de EMRC no espaço escola, bem como o facto de conterem recursos ao longo da sua organização temática.

| | | |
|---|---|---|
| <p>tradições religiosas.</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>J. Descobrir a simbólica cristã.</p> <p>I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</p> | <p>no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.</p> <p>3. Destacar a visão crente sobre a bondade e a grandeza de Deus.</p> <p>4. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé e da cultura, de modo mais particular, axiológica cristã.</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Breves notas sobre arte judaica, cristã e islâmica. · De um Deus de um povo até um Deus universal e inequivocamente bom. A experiência cristã e as marcas culturais e religiosas da ideia da: <ul style="list-style-type: none"> · imensidão e bondade de Deus; · fé como confiança e entrega; · coerência entre a fé e as obras; · A fé cristã como impulsionadora de: <ul style="list-style-type: none"> – Uma experiência de encontro com o outro e com o transcendente na experiência crente; – Um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero; – Um apelo à construção de um mundo solidário. · Exemplos concretos da vida de crentes que segundo a sua fé foram o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo; · A importância das Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. - O Amor – critério transversal do trabalho social e caritativo das Instituições. |
|---|---|---|

PLANIFICAÇÃO – 2º Período

UL 3 – PROJETO DE VIDA

11 AULAS PREVISTAS

60 MIN

| METAS | OBJETIVOS | CONTEÚDOS ¹⁵ |
|---|--|---|
| <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana</p> | <p>1. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> | <p>Definição de projeto:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Objetivos e metas pessoais; – Estratégias facilitadoras; – Agir em conformidade; <p>· Projetos pessoais, de grupos e de instituições;</p> <p>· Projeto e/ou projetos?</p> <p>· Vocação e profissão.</p> |
| <p>G. Identificar os valores evangélicos</p> | <p>2. Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida.</p> | <p>· Os grandes objetivos do ser humano, sonhos da humanidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> – A felicidade própria e alheia; – A construção de uma sociedade justa e solidária: a denúncia da injustiça e a participação ativa na construção do bem comum. <p>· As várias opções de vida.</p> <p>· O papel dos bens materiais na construção de projetos pessoais.</p> <p>· Riscos e limitações da procura da felicidade centrada apenas na preocupação do ter;</p> <p>· Uma perspetiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais a partir, por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> – do valor do estudo, do trabalho e do esforço; – da importância da partilha de dons e de bens. |
| | <p>3. Compreender a possibilidade de construir projetos de vida na experiência de encontro com Deus.</p> | <p>- O exemplo do projeto de Abraão.</p> <p>- O exemplo do projeto de S. Paulo.</p> |

¹⁵ Por indicação do Docente da Prática de Ensino Supervisionada alguns conteúdos desta Unidade foram reformulados tendo em vista a pluridimensionalidade e a pertinência curricular da disciplina de EMRC no espaço escola, bem como o facto de conterem recursos ao longo da sua organização temática.

| | | |
|--|---|--|
| <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</p> | <p>4. O projeto de vida e ideia transversal de felicidade nas diversas religiões.</p> | <p>· O princípio da felicidade humana visto pelas várias religiões:</p> <ul style="list-style-type: none"> – o amor a Deus e ao próximo (Judaísmo/Cristianismo); – o amor aos inimigos (Cristianismo); – a prática da justiça, da verdade e das boas obras (Islão); – a superação da dor e infelicidade humanas (Budismo); – a realização do Dharma (Hinduísmo); – a preservação da ordem cósmica e do fator humano (Confucionismo). |
|--|---|--|

| PLANIFICAÇÃO – 3.º Período | | |
|---|---|---|
| UL 1 – A DIGNIDADE DA VIDA HUMANA | | |
| 8 AULAS PREVISTAS | | 60 MIN |
| METAS | OBJETIVOS | CONTEÚDOS |
| <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações.</p> | <p>1. Reconhecer a dignidade e inviolabilidade da vida humana como eixo dos valores morais.</p> <p>2. Compreender o valor da vida.</p> <p>3. Interpretar criticamente factos sociais sobre a situação de grupos minoritários em desvantagem social.</p> | <p>- Vida como dádiva de Deus e primordial direito humano;</p> <p>· Dignidade e inviolabilidade da vida humana: declarações de direitos e perspectiva da Igreja Católica;</p> <p>· A vida: condição de possibilidade de todos os outros valores.</p> <p>· A vida é sempre um bem.</p> <p>· A vida humana, um valor primordial, mas não absoluto.</p> <p>· Dar a própria vida pelo outro:</p> <ul style="list-style-type: none"> – o testemunho de Gianna Beretta; – o testemunho de Martin Luther King. <p>Dar a vida pela verdade libertadora, Jesus.</p> <p>· Os grupos minoritários ou «não produtivos»;</p> <p>· A problemática da igualdade e da discriminação.</p> <p>· Os preconceitos sociais e religiosos face a:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Os estrangeiros e a xenofobia; – ideologias racistas; genocídios; – Os membros de religiões minoritárias e o fanatismo religioso; – Os portadores de deficiência; – Os idosos; |

| | | |
|--|---|--|
| <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p> | <p>4. Conhecer a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana.</p> <p>5. Aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana.</p> <p>6. Identificar as atitudes que promovem a dignidade da vida humana.</p> <p>7. Relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com perspectiva da Igreja.</p> | <ul style="list-style-type: none"> – Os doentes terminais; · A falta de responsabilidade dos adultos face às crianças. · Cada pessoa deve considerar o próximo como “outro eu”, respeitá-lo e rejeitar tudo o que viola a integridade pessoal e social. · É contrária à vontade de Deus qualquer forma de discriminação. · A Parábola do Bom Samaritano. · Valorizar a vida, tornando-se próximo de quem precisa. · A fraternidade humana, centro das escolhas morais. · A atenção e o cuidar da vida dos mais necessitados no contexto em que se vive. · O empenho pessoal na denúncia dos atentados à dignidade da vida humana. · A participação em grupos e organizações de defesa e promoção da vida. - O início da vida humana: <ul style="list-style-type: none"> – O que diz a ciência; – O que mostra a reflexão cristã; – Diferentes perspetivas sobre: a fecundação; a viabilidade da vida humana; o nascimento. · O aborto: <ul style="list-style-type: none"> – Noção de aborto e de Interrupção Voluntária da Gravidez; – Relação entre nível moral e nível jurídico de apreciação do aborto. · A eutanásia: <ul style="list-style-type: none"> – Noções e perspetivas. – A dignidade da pessoa humana na doença e na velhice. · A posição da Igreja católica na defesa da vida em todas as circunstâncias. <ul style="list-style-type: none"> – 2. O valor incomparável da pessoa humana. – 3. As novas ameaças à vida humana. – 12. Uma cultura anti-solidária; a verdadeira cultura de encontro. – 26. A força da vida. |
|--|---|--|

4.5.2 Calendarizações por aula/tema

Calendário 1º Período

| Calendário | | | | Conteúdos |
|------------|------------|------|---|---|
| Mês | 2ª - feira | Aula | U. Letiva | Tema da Aula |
| Setembro | 9 | 1 | DEUS O GRANDE MISTÉRIO | Aula Orientada pelo Docente Titular (orientador) |
| | 16 | 2 | | Apresentação e breve introdução à Unidade Letiva 2. |
| | 23 | 3 | | Questão da Existência de Deus – Da Crença e da Razão ao fenómeno da Recusa de Deus – Ateísmo; Agnosticismo; Relativismo; Crença (fé). |
| | 30 | 4 | | Fé e Razão – Estéreis Quando opostas. Atividade - Homens de Deus, da Ciência e da arte. |
| Outubro | 7 | 5 | | Atividade - Homens de Deus, da Ciência e da arte. – Continuação das apresentações dos alunos. |
| | 14 | 6 | | O Mistério Revelado em Jesus Cristo. – O valor do silêncio no quotidiano. O “Mistério revela-se no silêncio – Ditadura do Barulho” – Exercício Escrito. |
| | 21 | 7 | | A Arte de Dizer Deus – Escultura; Arquitetura; literatura; Pintura. Atividade. |
| | 28 | - | | Interrupção da atividade letiva. |
| Novembro | 4 | 8 | | A fé do crente concretizada nas “boas obras”. O testemunho do crente cristão. |
| | 11 | 9 | | O compromisso como (uma resposta) à pergunta da existência de Deus. Dimensão social e caritativa como expressão da crença. |
| | 18 | 10 | | O Amor – critério transversal do trabalho social e caritativo das Instituições Religiosas. |
| | 25 | 11 | | Ficha de Avaliação formativa |
| Dezembro | 9 | 12 | | Entrega e Correção da Ficha de Avaliação formativa. |
| | 16 | 13 | Balanço do Período – Autoavaliação e heteroavaliação. | |

Calendário 2º Período


| Calendário | | | | | Conteúdos |
|------------|-----------|------------|------|-----------------|---|
| 2º Período | Mês | 2ª - feira | Aula | U. Letiva | Tema da Aula |
| | Janeiro | 6 | 1 | PROJETO DE VIDA | Introdução à Unidade letiva 3 – O que é um projeto\projeto de vida? |
| | | 13 | 2 | | Trabalho em turma para a atividade escolar anual. |
| | | 21 | 3 | | A importância do projeto pessoal de vida A vocação e a profissão – Distinção. |
| | | 27 | 4 | | O Projeto Pessoal e os Projetos Comunitários. Dimensão existencial do projeto pessoal: Quem sou? O que quero? Para onde vou? |
| | Fevereiro | 3 | 5 | | A perseverança como condição essencial para fazer caminho |
| | | 10 | 6 | | Visualização do Filme Billy Elliot |
| | | 17 | 7 | | O “discernimento” no Projeto de Vida. Início da elaboração de um possível Projeto Pessoal de Vida. |
| | | 24 | 8 | | Interrupção Letiva |
| | Março | 2 | 9 | | Os talentos, o estudo e o trabalho. |
| | | 9 | 10 | | As opções fundamentais em ordem à felicidade. |
| | | 16 | 11 | | Interrupção devido ao Covid-19 |
| | | 23 | 12 | | Interrupção devido ao Covid - 19 |

Calendário 3º Período (proposta alterada face ao surto Covid-19)

| Calendário | | | | | Conteúdos |
|------------|-------|------------|------|----------------------------|---|
| 1º Período | Mês | 2ª - feira | Aula | U. Letiva | Tema da Aula |
| | Abril | 20 | 1 | A Dignidade da Vida Humana | A vida como dom primordial – Das Declarações Universais às concepções religiosas. |
| | | 27 | 2 | | A Dignidade da Vida em causa: Preconceito; Racismo; Xenofobia – Movimentos que contribuíram para estes fenómenos. |
| | Maio | 4 | 3 | | A vida humana signo do Amor: A Mensagem de Jesus: O Bom Samaritano. |
| | | 11 | 4 | | Os ataques à vida humana: o Aborto e a Eutanásia. |
| | | 18 | 5 | | Grupos e organizações defensores da dignidade da vida. |
| | | 25 | 6 | | Ficha de Avaliação formativa. |
| | Junho | 1 | 7 | | Entrega e correção da ficha de Avaliação. Autoavaliação e heteroavaliação. |

4.6 Planos de Aula


4.6.1 Planificação da aula de apresentação

|  <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p> | <h1>9º ANO (C) – Apresentação</h1> | | <p>TEMPO PREVISTO <i>1 Aula</i> <i>60 minutos</i></p> |
|---|---|---|--|
| Aprendizagens essenciais | | | |
| METAS | OBJETIVOS | CONTEÚDOS | |
| <p>1 – Apresentação.</p> <p>2 – Conhecer a finalidade da disciplina de EMRC e conteúdos programáticos do 9º ano.</p> <p>3 – Ter presente a Avaliação da disciplina: Critérios e instrumentos.</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o professor e os alunos. - Conhecer\recordar as finalidades verticais da disciplina de EMRC. - Apresentar os temas gerais das unidades a trabalhar ao longo do ano. - Apresentar os critérios de avaliação e os instrumentos da mesma, colocando alguns instrumentos à discussão. | <ul style="list-style-type: none"> - Dinâmica de apresentação. -EMRC deverá conseguir alcançar as seguintes grandes finalidades: <ul style="list-style-type: none"> -Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo. - Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; - Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; - Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência. - O programa de EMRC do 9ºano desenvolvido no Manual “Quero ser” é constituído por três unidades letivas: “A Dignidade da Vida Humana”, “Deus, o grande Mistério” e “Projeto de Vida”. - Constitui a avaliação a soma da componente cognitiva (70%) e da componente socio-afetiva (30%). - Discussão dos instrumentos de avaliação (excetua-se a Ficha de Avaliação Formativa). | |

| METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS | | | SUMÁRIO | AVALIAÇÃO FORMATIVA | | |
|---|-------------------------------------|--|---|---|-------|--------------------------|
| - Exposição - Registos - Diálogo - Dinâmica propositiva. | | | Apresentação do Professor e dos Alunos, preenchimento das fichas de caracterização da turma. Apresentação das unidades temáticas. Critérios e instrumentos de avaliação. | - Observação das atitudes, das intervenções dos alunos e participação dinâmica. - Intervenção educativa imediata e/ou mediada. | | |
| METAS | OBJECTIVOS | CONTEÚDOS | ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES | RECURSOS | TEMPO | AVALIAÇÃO |
| (Procedimentos regulares) | | | - Acolhimento dos alunos: saudação e chamada - registo de presenças a partir da plataforma informática. - Registo do sumário, pelo aluno, da aula número 2. Apresentação do Professor e dos Alunos, preenchimento das fichas de caracterização da turma. Apresentação das unidades temáticas. Critérios e instrumentos de avaliação. | -Computador e projeção - Plataforma de registos. - Quadro -Office (PPT) | 5' | Observação das atitudes. |
| 1 – Apresentação | - Conhecer o professor e os alunos. | Dinâmica EMRC Go: “Silver and Global Elite”. | - Dinâmica: O Professor <u>apresenta-se</u> e faz distribuir as fichas de caracterização da turma e um “crachá Silver”. Antes do seu <u>preenchimento</u> pergunta de forma muito breve o nome de cada aluno. Procede-se ao preenchimento das Fichas. Com as Fichas preenchidas e ainda na posse dos alunos explica o objetivo do crachá - os alunos deverão registar no crachá o seu estado “Silver”. Silver é a patente inicial do processo de desenvolvimento em patentes de um conhecido jogo – Cs Go – a intenção é que os alunos se <u>caracterizem em poucas palavras e escrevam as ditas características no mesmo crachá</u> . No final da dinâmica partilharão, de forma breve, novamente o nome e aquilo que os caracteriza. Terminada a dinâmica o professor entrega um crachá Golden Elite – a patente maior. Serão convidados a levar, consigo e a trazerem, em aula póstuma, escrito em três quatro palavras (no crachá) o que gostariam que os caracterizasse no futuro, como seriam ou se imaginam num “nível de patente mais evoluído”. A ideia é iniciar o processo de estimulação para pensar o projeto de vida, (U.L do relatório do professor estagiário) tema a abordar no 2º período. Esta intenção não lhes será comunicada de forma tão clara nesta aula. <u>Ao partilharem o conteúdo do crachá podem ainda partilhar as expetativas registadas nas Fichas de Caracterização.</u> Recolha das Fichas. Os Crachás os próprios guardam para si. | -Material de secretária. -Fichas de caracterização | 20' | Observação das atitudes. |

| | | | | | | |
|---|--|--|--|--|------------|-----------------------------------|
| <p>2 – Conhecer a finalidade da disciplina de EMRC e conteúdos programáticos do 9º ano.</p> | <p>- Apresentar os temas gerais das unidades a trabalhar ao longo do ano.</p> | <p>- EMRC deverá conseguir alcançar as seguintes grandes finalidades:</p> <p>- Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo.</p> <p>- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;</p> <p>- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;</p> <p>- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.</p> | <p>Utilizando um learning object em office PPT o Professor transmite as seguintes informações e introduz o os seguintes temas:</p> <p>- Material necessário (caderno diário, material de secretária e manual da disciplina)</p> <p>- Apresentação do Manual a partir do título “Quero Ser” e das unidades programáticas: “A Dignidade da Vida Humana”, “Deus, o grande Mistério” e “Projeto de Vida”. Utilização do Esquema da contracapa.</p> <p>- As unidades serão lecionadas não pela ordem programática. Seguem a seguinte ordem: U2; U3; U1.</p> <p>- Fala de forma muito breve sobre as unidades interligando com as finalidades descritas na coluna dos conteúdos, tendo presente as Aprendizagens essenciais e o Perfil do Aluno à saída da Escolaridade Obrigatória.</p> | <p>Office PPT</p> <p>Learning object preparado pelo docente.</p> | <p>20’</p> | <p>Observação das atitudes.</p> |
| <p>3 – Ter presente a Avaliação da disciplina: Critérios e instrumentos.</p> | <p>- Apresentar os critérios de avaliação e os instrumentos da mesma, colocando alguns instrumentos à discussão.</p> | <p>Constitui a avaliação a soma da componente cognitiva (70%) e da componente socio-afetiva (30%).</p> | <p>- Exposição dos critérios de avaliação – discussão e ponderação dos instrumentos de avaliação.</p> | <p>-Office PPT</p> | <p>10’</p> | <p>. Observação das atitudes.</p> |
| <p>(Procedimentos regulares)</p> | | | <p>- Síntese e espaço para dúvidas finais, sugestões ou comentários.</p> <p>-Saudação final e ordem de saída da sala.</p> | | <p>5’</p> | <p>Observação direta.</p> |


4.6.2 Planificação da aula nº 15

| | | | | | | | | | |
|---|-------------------|--|---|---|--|--|--------------|--|--|
|  <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p> | | <p>9º ANO (C) – UL3 – Projeto de Vida</p> | | | | <p>TEMPO PREVISTO <i>1 Aula</i> 60 minutos</p> | | | |
| <p>Aprendizagens essenciais: Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal;</p> | | | | | | | | | |
| METAS | | OBJETIVOS | | CONTEÚDOS | | | | | |
| <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana</p> | | <p>Identificar e corrigir os pontos errados ou incompletos da Ficha de Avaliação. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> | | <p>Introdução do conceito de Projeto: Objetivos; realização pessoal; caminho.</p> | | | | | |
| METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS | | | SUMÁRIO | | | AValiação FORMATIVA | | | |
| <p>Exposição - Registos</p> | | | <p>- Diálogo - Correção mediada</p> | | | <p>Entrega e Correção das Fichas de Avaliação Formativa. Introdução à Unidade letiva 3 – O que é um projeto\projeto de vida?</p> | | <p>- Observação das atitudes, e do cumprimento da tarefa proposta. Teste Escrito.</p> | |
| METAS | OBJECTIVOS | CONTEÚDOS | ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES | | | RECURSOS | TEMPO | AVAliação | |
| (Procedimentos regulares) | | | <p>- Acolhimento dos alunos: saudação e chamada - registo de presenças a partir da plataforma informática. - Registo do sumário da aula número 15. Entrega e Correção das Fichas de Avaliação Formativa. Introdução à Unidade letiva 3 – O que é um projeto\projeto de vida?</p> | | | <p>-Computador e projeção - Plataforma de registos. - Quadro - Inovar</p> | 5' | <p>Observação do comportamento dos alunos. Verificação do material regular de sala de aula.</p> | |

| | | | | | | |
|--|--|--|---|-----------------------------|-----|---|
| | Identificar e corrigir os pontos errados ou incompletos da Ficha de Avaliação. | | <p>O professor entrega a ficha de avaliação formativa procedendo à correção da mesma de forma mediada. Os alunos vão propondo as respostas e paulatinamente corrige-se a ficha.</p> <p>Esclarecem-se dúvidas de caráter geral, sendo que possíveis questões individuais o professor trata no fim com o próprio.</p> | Ficha | 25' | Observação da participação sustentada e fundamentada mobilizando conhecimentos. |
| | Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal. | Introdução do conceito de Projeto: Objetivos; realização pessoal; caminho. | <p>O professor introduz a UL3 que será lecionada sobretudo ao longo do segundo período. A partir de um PPT o docente começa por questionar os alunos sobre o que é para eles um projeto. Após um esquema de ideias oriundo da participação dos alunos, procura-se organizar o mesmo em ordem a um conceito comum, nomeadamente à estrutura tripartida de projeto tendo como pilares as ideias de realização pessoal; caminho e objetivos.</p> | PPT preparado pelo docente. | 28' | |

| | | | | | | |
|---------------------------|--|--|---|--|----|--------------------|
| (Procedimentos regulares) | | | -Saudação final e ordem de saída da sala. | | 2' | Observação direta. |
|---------------------------|--|--|---|--|----|--------------------|

4.6.3 Planificação da aula nº 16

| | | |
|---|---|--|
|  <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p> | <h2>9º ANO (C) – UL3 – Projeto de Vida</h2> | <p>TEMPO PREVISTO <i>1 Aula</i> <i>60 minutos</i></p> |
|---|---|--|


Aprendizagens essenciais:

| METAS | OBJETIVOS | CONTEÚDOS |
|----------------------------|---|---|
| | Preparação da atividade escolar anual – Baile de Finalistas. | (todas as disciplinas disponibilizam uma hora para a preparação da atividade) |
| METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS | SUMÁRIO | AVALIAÇÃO FORMATIVA |
| | Trabalho em turma para a atividade escolar anual – Baile de Finalistas. | - Observação das atitudes, |

| METAS | OBJECTIVOS | CONTEÚDOS | ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES | RECURSOS | TEMPO | AVALIAÇÃO |
|---------------------------|------------|-----------|--|--|---------------|---|
| (Procedimentos regulares) | | | - Acolhimento dos alunos: saudação e chamada - registo de presenças a partir da plataforma informática. - Registo do sumário da aula número 16. Trabalho em turma para a atividade escolar anual – Baile de Finalistas. O Professor acompanha os alunos na sala de aula sendo que a preparação da atividade é da responsabilidade dos mesmos. | - Computador e projeção - Plataforma de registos. - Quadro - Inovar | 5' 50' | Observação do comportamento dos alunos. |

| | | | | | | |
|---------------------------|--|--|---|--|----|--------------------|
| (Procedimentos regulares) | | | -Saudação final e ordem de saída da sala. | | 5' | Observação direta. |
|---------------------------|--|--|---|--|----|--------------------|


4.6.4 Planificação da aula nº 17

| | | | | | | | | | |
|---|-------------------|--|--|--|--|--|---|---|--|
|  <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p> | | <p>9º ANO (C) – UL3 – Projeto de Vida</p> | | | | <p>TEMPO PREVISTO <i>1 Aula</i> <i>60 minutos</i></p> | | | |
| <p>Aprendizagens essenciais: Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal;</p> | | | | | | | | | |
| METAS | | OBJETIVOS | | CONTEÚDOS | | | | | |
| <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana</p> | | <p>Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> | | <p>Projeto: Objetivos; realização pessoal; caminho. Vocação e profissão – Distinção.</p> | | | | | |
| METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS | | | SUMÁRIO | | | AVALIAÇÃO FORMATIVA | | | |
| <p>Exposição - Registos</p> | | | <p>- Diálogo - Correção mediada</p> | | | <p>A importância do projeto pessoal de vida A vocação e a profissão – distinção.</p> | | <p>- Observação das atitudes, e do cumprimento da tarefa proposta. PPV\ oralidade</p> | |
| METAS | OBJECTIVOS | CONTEÚDOS | ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES | | RECURSOS | TEMPO | AVALIAÇÃO | | |
| <p>(Procedimentos regulares)</p> | | | <p>- Acolhimento dos alunos: saudação e chamada - registo de presenças a partir da plataforma informática. - Registo do sumário da aula número 17. A importância do projeto pessoal de vida A vocação e a profissão – Distinção.</p> | | <p>- Computador e projeção - Plataforma de registos. - Quadro - Inovar</p> | 5' | <p>Observação do comportamento dos alunos. Verificação do material regular de sala de aula.</p> | | |

| | | | | | | |
|--|---|--|--|-----------------------------|-----|---|
| | Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal. | Projeto: Objetivos; realização pessoal; caminho. | <p>O docente inicia a aula voltando ao mapa mental da aula anterior procurando consolidar o conceito de projeto que será abordado ao longo do período.</p> <p>Leitura e análise do texto base da página 96 do Manual – exercício de <i>focus group</i> a partir do PPT do docente. Pretende-se que o aluno compreenda a importância dos conceitos positivos num projeto: Agir; transformar, estratégias; avaliar. – Negativos: laxismo, sozinho.</p> | | 25' | |
| | | Vocação e profissão – Distinção. | <p>Explicita-se o termo vocação – “vɔɔare” chamar.</p> <p>O professor coloca 7 questões no televisor em PPT e pede aos alunos que responda a 3 a escolher pelo próprio.</p> <p>Partilha-se algumas das respostas.</p> <p>A partir das respostas o docente procura explicar a distinção entre vocação e profissão.</p> <p>Caso o tempo o permita a aula termina com um vídeo sobre a vocação e os jovens (Papa Francisco e os jovens hoje)</p> | PPT preparado pelo docente. | 23' | Observação da participação sustentada e fundamentada mobilizando conhecimentos. |


| | | | | | | |
|---------------------------|--|--|---|--|----|--------------------|
| (Procedimentos regulares) | | | -Saudação final e ordem de saída da sala. | | 2' | Observação direta. |
|---------------------------|--|--|---|--|----|--------------------|

4.6.5 Planificação da aula nº 18

| | | | | | | | | | |
|---|-------------------|--|--|---|--|---|--------------|---|--|
|  <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p> | | <p>9º ANO (C) – UL3 – Projeto de Vida</p> | | | | <p>TEMPO PREVISTO <i>1 Aula</i> <i>60 minutos</i></p> | | | |
| <p>Aprendizagens essenciais: Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal; Relacionar Vocação e Profissão na construção de projeto de vida</p> | | | | | | | | | |
| METAS | | OBJETIVOS | | CONTEÚDOS | | | | | |
| <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana</p> | | <p>Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> | | <p>Vocação e profissão – Distinção. O Projeto Pessoal e os Projetos Comunitários. Dimensão existencial do projeto pessoal: Quem sou? O que quero? Para onde vou? (introdução)</p> | | | | | |
| METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS | | | SUMÁRIO | | | AValiação FORMATIVA | | | |
| <p>Exposição - Registos</p> | | | <p>- Diálogo - Correção mediada</p> | | | <p>Continuação da aula anterior. O Projeto Pessoal e os Projetos Comunitários. A dimensão existencial do projeto pessoal.</p> | | <p>- Observação das atitudes, e do cumprimento da tarefa proposta. PPV\oralidade</p> | |
| METAS | OBJECTIVOS | CONTEÚDOS | ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES | | | RECURSOS | TEMPO | AVAliação | |
| (Procedimentos regulares) | | | <p>- Acolhimento dos alunos: saudação e chamada - registo de presenças a partir da plataforma informática. - Registo do sumário da aula número 18. Continuação da aula anterior. O Projeto Pessoal e os Projetos Comunitários. A dimensão existencial do projeto pessoal. O docente inicia a aula propondo o “vídeo do Papa” sobre a vocação e os jovens. O vídeo tem como foco a vocação</p> | | | <p>-Computador e projeção - Plataforma de registos. - Quadro - Inovar</p> | 5’ | <p>Observação do comportamento dos alunos. Material regular de sala de aula.</p> | |


| | | | | | | |
|---------------------------|---|---|---|-----------------------------|-----|---|
| | Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal. | Vocação e profissão – Distinção. O Projeto Pessoal e os Projetos Comunitários. | juvenil ao projeto comunitário. A partir do vídeo o docente em modo focus group procura distinguir os conceitos de projeto pessoal e de projeto comunitário. Os alunos são convidados a brevemente partilharem o que retiram do vídeo. | | 25' | |
| | | Dimensão existencial do projeto pessoal: Quem sou? O que quero? Para onde vou? (introdução) | Terminada a parte anterior o professor coloca novamente as 7 questões no televisor em PPT pedindo aos alunos que partilhem as respostas que haviam iniciado na aula anterior. Partilha-se algumas das respostas. Terminada a ronda das primeiras 3 respostas o docente pede que escolham mais três. Repete-se o exercício de partilha. | PPT preparado pelo docente. | 28' | Observação da participação sustentada e fundamentada mobilizando conhecimentos. |
| (Procedimentos regulares) | | | -Saudação final e ordem de saída da sala. | | 2' | Observação direta. |

4.6.6 Planificação da aula nº 19

| | | | | | | | | | |
|--|-------------------|---|---|---|--|--|--------------|--|--|
|  <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p> | | <p>9º ANO (C) – UL3 – Projeto de Vida</p> | | | | <p>TEMPO PREVISTO <i>1 Aula</i> <i>60 minutos</i></p> | | | |
| <p>Aprendizagens essenciais: Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal; Mobilizar valores para a concretização de um projeto de vida humana para a sua realização pessoal e no serviço aos outros.</p> | | | | | | | | | |
| METAS | | OBJETIVOS | | CONTEÚDOS | | | | | |
| <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana</p> | | <p>Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> <p>Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida.</p> | | <p>Dimensão existencial do projeto pessoal: Quem sou? O que quero? Para onde vou? Quais as minhas aptidões? Qual o caminho?</p> <p>A perseverança – necessária na construção e edificação do Projeto de vida.</p> | | | | | |
| METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS | | | SUMÁRIO | | | AVALIAÇÃO FORMATIVA | | | |
| <p>Exposição - Registos</p> | | | <p>- Diálogo - Correção mediada</p> | | | <p>A dimensão existencial do projeto pessoal. A perseverança como condição essencial para fazer caminho.</p> | | <p>- Observação das atitudes, e do cumprimento da tarefa proposta. PPV\ oralidade</p> | |
| METAS | OBJECTIVOS | CONTEÚDOS | ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES | | | RECURSOS | TEMPO | AVALIAÇÃO | |
| (Procedimentos regulares) | | | <p>- Acolhimento dos alunos: saudação e chamada - registo de presenças a partir da plataforma informática.</p> <p>- Registo do sumário da aula número 19.</p> <p>A dimensão existencial do projeto pessoal. A perseverança como condição essencial para fazer caminho</p> | | | <p>- Computador e projeção - Plataforma de registos. - Quadro - Inovar</p> | 5' | <p>Observação do comportamento dos alunos.</p> <p>Verificação do material regular de sala de aula.</p> | |


| | | | | | | |
|---------------------------|---|--|---|-----------------------------|-----|---|
| | Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal. | Dimensão existencial do projeto pessoal: Quem sou? O que quero? Para onde vou? Quais as minhas aptidões? Qual o caminho? | <p>O docente inicia a aula revisitando as questões do chamado “conhecimento de si próprio” percorre as 7 brevemente, procurando perceber se os alunos desenvolveram algum pensamento estruturado sobre as mesmas.</p> <p>Esclarece o porque da utilização da palavra existencial. (questões da existência).</p> <p>Depois pede aos alunos que escrevam 10 “coisas” de que não prescindiriam na vida para que ela fosse bem vivida. A ideia será concluir que poucos ou nenhuns escreveram “de si próprios” “do seu corpo” “dos seus objetivos” – normalmente apontam questões materiais. Este exercício lançará a temática das “opções fundamentais”.</p> | | 25' | |
| | Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida. | A perseverança – necessária na construção e edificação do Projeto de vida. | <p>Chegando ao entendimento da importância de se conhecer muito bem a si próprio e da importância de procurar aperfeiçoar esse mesmo conhecimento, o docente introduz o conceito de perseverança.</p> <p>Lê-se e analisa-se o poema de Miguel Torga – Sisifo.</p> <p>Os alunos devem registar no caderno diário os principais tópicos da análise da turma ao poema.</p> <p>A intenção é aludir à importância de não desistir ao primeiro obstáculo ou erro cometido.</p> | PPT preparado pelo docente. | 25' | Observação da participação sustentada e fundamentada mobilizando conhecimentos. |
| (Procedimentos regulares) | | | -Saudação final e ordem de saída da sala. | | 2' | Observação direta. |

4.6.7 Planificação da aula nº 20

| | | | | | | | | | |
|--|--|---|---|---|--|---|--------------|--|--|
|  <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p> | | <p>9º ANO (C) – UL3 – Projeto de Vida</p> | | | | <p>TEMPO PREVISTO <i>1 Aula</i> <i>60 minutos</i></p> | | | |
| <p>Aprendizagens essenciais: Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal; Mobilizar valores para a concretização de um projeto de vida humana para a sua realização pessoal e no serviço aos outros.</p> | | | | | | | | | |
| METAS | | OBJETIVOS | | CONTEÚDOS | | | | | |
| <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana</p> | | <p>Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> <p>Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida.</p> | | <p>A perseverança – necessária na construção e edificação do Projeto de vida (continuação).</p> <p>A “vocação” e o “discernimento” no Projeto de Vida.</p> <p>Como elaborar um Projeto Pessoal de Vida?</p> | | | | | |
| METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS | | | SUMÁRIO | | | AVALIAÇÃO FORMATIVA | | | |
| <p>Exposição - Registos</p> | | | <p>- Diálogo - Correção mediada</p> | | | <p>A “vocação” e o “discernimento” no Projeto de Vida. Início da elaboração de um possível Projeto Pessoal de Vida.</p> | | <p>- Observação das atitudes, e do cumprimento da tarefa proposta. PPV\oralidade</p> | |
| METAS | | OBJECTIVOS | CONTEÚDOS | ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES | | RECURSOS | TEMPO | AVALIAÇÃO | |
| (Procedimentos regulares) | | | | <p>- Acolhimento dos alunos: saudação e chamada - registo de presenças a partir da plataforma informática.</p> <p>- Registo do sumário da aula número 20. A “vocação” e o “discernimento” no Projeto de Vida.</p> <p>Início da elaboração de um possível Projeto Pessoal de Vida.</p> | | <p>- Computador e projeção - Plataforma de registos. - Quadro - Inovar</p> | 5' | <p>Observação do comportamento dos alunos.</p> <p>Verificação do material regular de sala de aula.</p> | |


| | | | | | | |
|---------------------------|---|--|--|---|----------------|---|
| | Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal. | A perseverança – necessária na construção e edificação do Projeto de vida (continuação). | O docente inicia a aula retomando a análise do Poema de Miguel Torga: Lê-se e analisa-se o poema de Miguel Torga – Sisifo. Os alunos devem registar no caderno diário os principais tópicos da análise da turma ao poema. A intenção é aludir à importância de não desistir ao primeiro obstáculo ou erro cometido | Manual com Poema de Torga p. | 20' | |
| | Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida. | A “vocação” e o “discernimento” no Projeto de Vida. Como elaborar um Projeto Pessoal de Vida? | O docente explica o significado etimológico dos dois conceitos transpondo esta significância para o processo de realização de um projeto de vida. No caso do discernimento aponta-se a sua ampla dimensão. seja o discernimento do dia-a-dia, seja o discernimento sobre ditas grandes decisões. Vocação – <i>Vocare</i> – Chamar\ chamamento (já abordado em aula anterior) Discernimento – <i>discernere</i> , composto por <i>cernere</i> , ou seja, <i>ver claro, distinguir</i> , e é precedido de <i>dis</i> , ou seja, <i>entre</i> - raiz etimológica, discernir significa “ver claro entre”, estar atento, escolher e separar. O docente entrega aos alunos a estrutura de um possível projeto de vida procurando explicar que o mesmo serve de linha orientadora para a primeira fase de um PPV, a do conhecimento de si próprio. Os alunos preenchem a parte inicial do PPV (em anexo X). Este trabalho vai sendo realizado faseadamente ao longo de várias aulas. | PPT preparado pelo docente. Estrutura do PPV entregue pelo docente | 13' 20' | Observação da participação sustentada e fundamentada mobilizando conhecimentos. |
| (Procedimentos regulares) | | | -Saudação final e ordem de saída da sala. | | 2' | Observação direta. |

4.6.8 Planificação da aula nº 21

| | | | | | | | | |
|--|--|---|---|---|--|---|--------------|--|
|  <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p> | | <p>9º ANO (C) – UL3 – Projeto de Vida</p> | | | | <p>TEMPO PREVISTO <i>1 Aula</i> <i>60 minutos</i></p> | | |
| <p>Aprendizagens essenciais: Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal; Mobilizar valores para a concretização de um projeto de vida humana para a sua realização pessoal e no serviço aos outros.</p> | | | | | | | | |
| METAS | | OBJETIVOS | | CONTEÚDOS | | | | |
| <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana</p> | | <p>Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> <p>Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida.</p> | | <p>Os Talentos de cada um – reconheço que tenho talentos e que devo colocá-los a render.</p> <p>A importância do estudo e do trabalho.</p> <p>Projeto Pessoal de Vida</p> | | | | |
| METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS | | | SUMÁRIO | | | AValiação FORMATIVA | | |
| <p>Exposição - Registos</p> <p>- Diálogo -</p> <p>Correção mediada</p> | | | <p>Os Talentos pessoais – análise da Parábola dos Talentos. A Importância do Estudo e do Trabalho no PPV. Continuação do Projeto Pessoal de Vida.</p> | | | <p>- Observação das atitudes, e do cumprimento da tarefa proposta. PPV\ oralidade</p> | | |
| METAS | | OBJECTIVOS | CONTEÚDOS | ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES | | RECURSOS | TEMPO | AVAliação |
| <p>(Procedimentos regulares)</p> | | | | <p>- Acolhimento dos alunos: saudação e chamada - registo de presenças a partir da plataforma informática.</p> <p>- Registo do sumário da aula número 21.</p> <p>Os Talentos pessoais – análise da Parábola dos Talentos. A Importância do Estudo e do Trabalho no PPV. Continuação do Projeto Pessoal de Vida.</p> | | <p>- Computador e projeção - Plataforma de registos. - Quadro - Inovar</p> | <p>5'</p> | <p>Observação do comportamento dos alunos.</p> <p>Verificação do material regular de sala de aula.</p> |

| | | | | | | |
|---------------------------|---|--|---|--|----------------------|---|
| | Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal. | Os Talentos de cada um – reconheço que tenho talentos e que devo colocá-los a render. | <p>O docente inicia a aula com a leitura da Parábola dos talentos. Se necessário explica o que é uma Parábola e o seu contexto nas narrativas Bíblicas.</p> <p>Posteriormente os alunos são convidados a interpretar oralmente o texto – <i>focus group</i> – a intenção é compreenderem que cada um possui talentos muito próprios e que devem trabalhá-los e desenvolvê-los.</p> | Manual p.117. | 25' | |
| | Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida. | <p>A importância do estudo e do trabalho.</p> <p>Elaboração de um possível Projeto Pessoal de Vida</p> | <p>Na senda do tratado anteriormente o docente propõe uma breve reflexão sobre o estudo -como fonte de formação e estruturação humana, e do trabalho como parte integrante da totalidade da pessoa e da sua dignidade. Procura-se transmitir uma perspectiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais a partir:</p> <ul style="list-style-type: none"> – do valor do estudo, do trabalho e do esforço; – da importância da partilha de dons\talentos e de bens. <p>O docente pede aos alunos um feedback do que tinham ficado de completar em casa do PPV.</p> <p>Os alunos continuam a elaborar um possível projeto pessoal.</p> | <p>PPT preparado pelo docente.</p> <p>Estrutura do PPV entregue pelo docente</p> | <p>13'</p> <p>20</p> | Observação da participação sustentada e fundamentada mobilizando conhecimentos. |
| (Procedimentos regulares) | | | -Saudação final e ordem de saída da sala. | | 2' | Observação direta. |

4.6.9 Planificação da aula nº 23

| | | | | | | | |
|---|-------------------|---|--|--|--|--------------|---|
|  <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p> | | <p>9º ANO (C) – UL3 – Projeto de Vida</p> | | | <p>TEMPO PREVISTO <i>1 Aula</i> <i>60 minutos</i></p> | | |
| <p>Aprendizagens essenciais: Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal; Mobilizar valores para a concretização de um projeto de vida humana para a sua realização pessoal e no serviço aos outros; valorizar a esperança, a alegria e a confiança na realização própria e dos outros.</p> | | | | | | | |
| METAS | | OBJETIVOS | | CONTEUDOS | | | |
| Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana | | Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida. | | Hierarquia de valores (os valores não são todos iguais) As opções fundamentais em ordem à construção do PPV. Felicidade – um conceito que implica “relação”. Felicidade – <i>Felix</i> – duradouro\ produtivo Projeto Pessoal de Vida | | | |
| METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS | | | SUMÁRIO | | AVALIAÇÃO FORMATIVA | | |
| Exposição - Registos | | | - Diálogo - Correção mediada | | As opções fundamentais e os valores no PPV. PPV – um projeto em ordem à Felicidade. | | |
| | | | | - Observação das atitudes, e do cumprimento da tarefa proposta. PPV\ oralidade | | | |
| METAS | OBJECTIVOS | CONTEÚDOS | ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES | | RECURSOS | TEMPO | AVALIAÇÃO |
| (Procedimentos regulares) | | | - Acolhimento dos alunos: saudação e chamada - registo de presenças a partir da plataforma informática. - Registo do sumário da aula número 23. As opções fundamentais e os valores no PPV. PPV – um projeto em ordem à Felicidade. O docente inicia a aula pedindo um sumário da aula anterior (talentos, estudo e trabalho). Feita a referida síntese o docente questiona os alunos se consideram que na vida e no dia a dia existem “coisas” com | | - Computador e projeção - Plataforma de registos. - Quadro - Inovar PPT do docente | 5' | Observação das atitudes dos alunos. Verificação do material regular de sala de aula. |

| | | | | | | |
|---------------------------|---|---|--|--|-----|---|
| | | Hierarquia de valores e as opções fundamentais em ordem à felicidade. | <p>mais importância que outras, transpondo paulatinamente o discurso para a questão se existe ou não uma hierarquia de valores – serão os valores todos iguais?</p> <p>É pedido aos alunos que façam em 3 min uma lista hierárquica de valores que considerem basilares e orientadores da sua vida. (5 “valores”)</p> <p>Partilham brevemente o que escreveram confrontando com um PPT colocado pelo docente (operação das opções) podem acompanhar pelo manual pag.107.</p> <p>A intenção é levar o aluno a perceber a importância de fazer opções alicerçadas num conjunto de valores. Procura-se sensibilizar para aqueles que são os valores ditos aceites e comuns.</p> | Manual P.107 | 25' | |
| | Reconhecer a existência de valores necessários à concretização de projetos de vida. | Felicidade – um conceito que implica “relação”. | <p>Cimenta-se a seguinte ideia: As opções que tomamos, com base nos valores que nos são significativos, tem como intenção a nossa felicidade.</p> <p>Posto isto, o docente propõe 4 frases em PPT para os alunos comentarem em dinâmica de <i>focus group</i>. A intenção é que os alunos compreendam que o objetivo de qualquer projeto de vida deve ser a Felicidade e que está não se vive isoladamente, mas sim e relação com o próximo. A felicidade não se esgota no material e efêmero. Felicidade – <i>felix</i> – latim – fecundo, duradouro – dif. Alegria.</p> <p>Os alunos continuam a elaborar um possível projeto pessoal.</p> | <p>PPT preparado pelo docente.</p> <p>Estrutura do PPV entregue pelo docente</p> | 16' | Observação da participação sustentada e fundamentada mobilizando conhecimentos. |
| (Procedimentos regulares) | | | -Saudação final e ordem de saída da sala. | | 2' | Observação direta. |

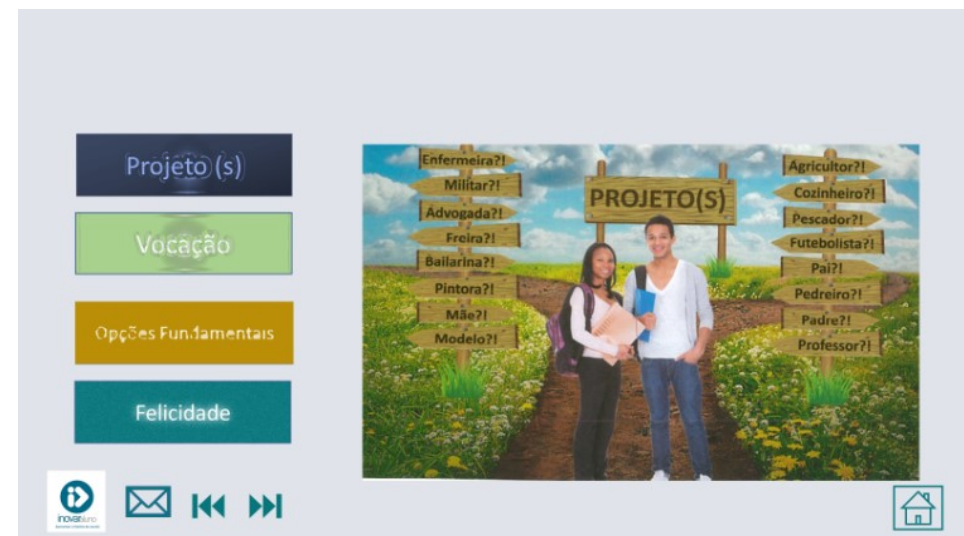
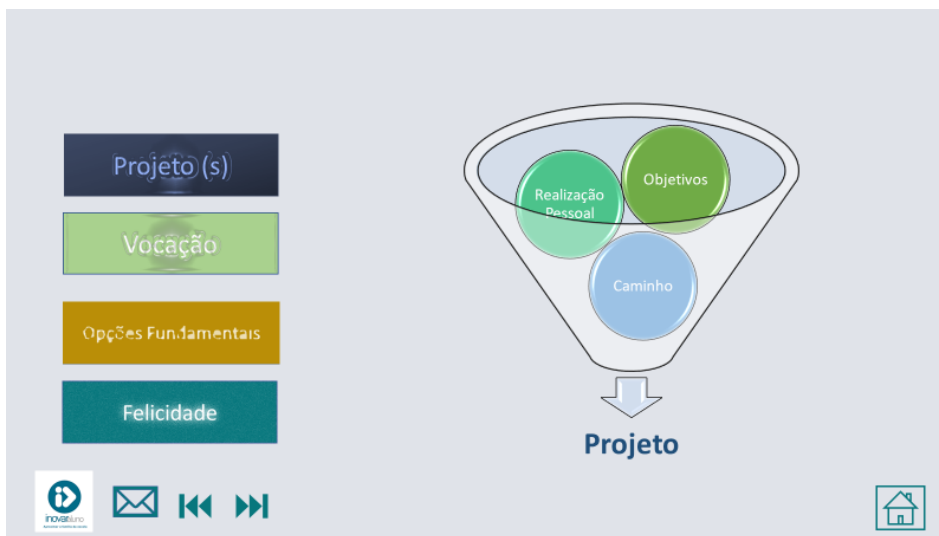
5 Learning office's de apoio e outros

5.5.1 Learning object de apoio



Projeto Pessoal de Vida

Unidade Letiva 3 – 9º Ano



Podes acompanhar a matéria a partir da página 96 do teu Manual:



O que é de facto um Projeto de vida?

Projeto (s)

Vocação

Opções Fundamentais

Felicidade

FOCUSLIFE

Navigation icons: Home, Mail, Previous, Next

Um projeto consiste na definição de um conjunto de objetivos a atingir, bem como na planificação de estratégias e atividades que visem atingir os objetivos propostos.

- Prepara o teu telemóvel, segue as próximas indicações, interage e regista os Resultados!
- No fim.....Focus Group sobre o tema.

Projeto (s)

Vocação

Opções Fundamentais

Felicidade

FOCUSLIFE

Navigation icons: Home, Mail, Previous, Next

Código: 664711





- 1 Grab your phone
- 2 Go to www.menti.com
- 3 Enter the code 66 47 11 and vote!

Projeto (s)

Vocação

Opções Fundamentais

Felicidade

FOCUSLIFE

Navigation icons: Home, Mail, Previous, Next

Quais destas palavras associas à ideia de construção de um Projeto de vida responsável?

Agir ✓

Transformar ✓

Loxismo ✗

Estratégias ✓

Socinho ✗

Avaliar ✓

Focus Group

Projeto (s)

Vocação

Opções Fundamentais

Felicidade

FOCUSLIFE

Navigation icons: Home, Mail, Previous, Next



Projeto (s)
 Vocação
 Opções Fundamentais
 Felicidade

Quem sou?
 O que me faz sentir feliz?
 O que falta fazer para que a minha existência seja perfeita?
 Qual o meu lugar na sociedade?
 Que marca pessoal quero deixar no mundo e nos outros?
 Que caminho quero percorrer?
 Será que estou satisfeito com a minha vida?
 Quais as minhas qualidades e aptidões?

inov@lito

Navigation icons: Home, Previous, Next, Home

Projeto (s)
 Vocação
 Opções Fundamentais
 Felicidade

É um desafio, sim, é um desafio!
Vocês aceitam?

inov@lito

Navigation icons: Home, Previous, Next, Home

Projeto (s)
 Vocação
 Opções Fundamentais
 Felicidade

O que é a vocação cristã?

Podes ler em casa com atenção este texto do Papa Francisco

Vocação

inov@lito

Navigation icons: Home, Previous, Next, Home

Projeto (s)

Vocação

Opções Fundamentais

Felicidade

Vocação?? Ainda sou novo para saber o que quero!! Tenho tempo!

Se bem que dizem que o tempo passa depressa!! Talvez fosse melhor pensar nisso!!

Projeto (s)

Vocação

Opções Fundamentais

Felicidade

Sísifo

Recomeça....

Se puderes
Sem angústia
E sem pressa.
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses.

De nenhum fruto queiras só metade.
E, nunca saciado,
Vai colhendo ilusões sucessivas no pomar.
Sempre a sonhar e vendo
O logro da aventura.
És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças...

Miguel Torga, Diário XIII

Opções Fundamentais

Comenta a seguinte Imagem:

Projeto (s)

Vocação

Opções Fundamentais

Felicidade


| | |
|--|---|
| <p>OPERAÇÃO DAS OPÇÕES</p> <p>MUITO DINHEIRO</p> <p>5 TELEMÓVEIS</p> <p>1 COMPUTADOR</p> <p>1 TABLET</p> <p>AMIGOS</p> <p>ROUPA COOL</p> <p>CONSUMOS</p> <p>FESTAS</p> <p>+</p> <p>= FELICIDADE?</p> | <p>VERDADE</p> <p>ALTRUIZMO</p> <p>JUSTIÇA</p> <p>AMIGOS</p> <p>SOLIDARIEDADE</p> <p>ESFORÇO</p> <p>PERSISTÊNCIA</p> <p>HUMILDADE</p> <p>x</p> <p>AMOR</p> <p>= FELICIDADE</p> |
|--|---|

Projeto(s)

Vocação


Opções Fundamentais

Felicidade





Michel Quoist 1921-1997

A pessoa que nunca errou foi aquela que nunca fez alguma coisa!



Luther King 1929-1968

Se um Homem não descobriu nada pelo qual morreria não está pronto para viver.

Projeto(s)

Vocação



Opções Fundamentais

Felicidade


Através das nossas ações e opções construímos ou impedimos a felicidade das pessoas com quem lidamos.

Não podemos esquecer que somos seres em relação!

Podemos ter nas nossas mãos a possibilidade de tornar a vida de alguém mais feliz!

Felicidade


Projeto(s)

Vocação

Opções Fundamentais

Felicidade

A Felicidade depende mais do que temos nas nossas cabeças do que nos nossos bolsos!

(Arthur Schopenhauer)





5.5.2 Proposta de desenho de um PPV



Projeto Pessoal de Vida

Nome _____ Data ____/____/____

Em criança, o que gostava de ser quando fosse grande?

Um ato, momento, que marcou a minha infância? Teve consequências?

Descreve-te – O que acho de mim a nível:

| Físico | Intelectual | Emocional |
|--------|-------------|-----------|
| | | |

Olhando para mim quais são os meus:

| Pontos Fortes | Pontos Fracos |
|---------------|---------------|
| | |



O que posso melhorar nos meus pontos fracos? Como pretendo fazê-lo?

| Pontos Fracos | Como Posso Melhorar? |
|---------------|----------------------|
| | |
| | |
| | |

Quais são os valores que quero incluir no meu Projeto de vida?

Como me relaciono:

| | |
|-------------|---------------------|
| Em família: | Com os amigos: |
| Na Escola: | Sociedade em geral: |

Quais são os meus hobbies?

Quais são as minhas habilidades?

No próximo ano pretendo (a nível):

| Familiar | Escolar | Social | Pessoal\afetivo |
|----------|---------|--------|-----------------|
| | | | |

O que me vejo a fazer daqui a três\quatro anos (a nível):

| Familiar | Escolar | Social | Pessoal\afetivo |
|----------|---------|--------|-----------------|
| | | | |

Quais são os meus grandes projetos pessoais a longo prazo?

De forma pragmática!

Gostava de tirar um Curso específico? Se sim, Qual? _____

O que gostava de exercer no mundo profissional? _____

Posso ser útil socialmente? Como? _____

Quando Deverei rever este projeto _____

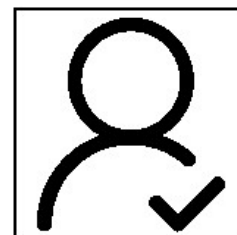
ASS: _____

ASS: _____

5.5.3 Ficha de caracterização dos alunos



Colégio de Nossa Senhora de Lourdes
Departamento de Expressões
Educação Moral e Religiosa Católica



Ficha de Caraterização do Aluno

Turma _____ N° _____

Nome: _____

Idade _____ Data de Nascimento: ____ \ ____ \ ____

Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____ - _____

Naturalidade (onde nasceste) _____ Nacionalidade(s) _____

Observações pessoais (Ex: Tens alguma doença; tomas medicação em sos): _____

Nome do Pai: _____

Idade _____ Profissão: _____

Habilitações: 3º Ciclo Ensino Secundário Ensino Superior outra _____

Nome da Mãe: _____ Idade: _____

Habilitações: 3º Ciclo Ensino Secundário Ensino Superior outra _____

Irmãos: Sim Não Quantos: _____ estudam contigo nesta escola? Sim Não

Com quem vives? _____

Encarregado de Educação: Pai Mãe (Preenche somente se não for nenhum dos dois)

Nome _____

Idade _____ Grau de Parentesco: _____ Profissão: _____

Habilitações: 3º Ciclo Ensino Secundário Ensino Superior outra _____

Estudas habitualmente como? (Ex: sozinho, acompanhado, em casa, numa sala de estudo acompanhada)

És autónomo (a) no estudo ou necessitas que te “mandem” estudar? _____

Que área de estudo mais gostas? _____ E menos? _____

Se tivesses que definir a importância da escola para a tua vida o que brevemente dirias:

No próximo ano que área de estudo pensas escolher: _____

Pretendes ir para o Ensino Superior? _____ se sim, Área: _____

Resumindo...

Gostava de ser _____

Os meus hobbies favoritos são _____

Defino-me facilmente como uma pessoa: _____

Em que é que EMRC foi importante para mim até aqui?

O que espero de EMRC neste ano concreto em que termino um Ciclo?

Os dados contidos nesta ficha têm como objetivo a recolha de informação exclusiva para a caracterização dos alunos da Turma.

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 5 |
| CAPÍTULO I - CARACTERIZAÇÃO DA TURMA E GESTÃO CURRICULAR | 8 |
| 1.1. Caracterização da Turma..... | 9 |
| 1.1.1. Caracterização da Instituição..... | 10 |
| 1.1.2. A turma..... | 10 |
| 1.2. A Gestão Curricular e o Ato de Planificar. | 13 |
| 1.2.1. Opções curriculares | 15 |
| CAPÍTULO II - O DISCERNIMENTO: UM CONTRIBUTO DA IGREJA PARA A FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL DOS JOVENS..... | 21 |
| 2.1 O discernimento | 22 |
| 2.1.1 Uma possível definição | 23 |
| 2.1.2 A prudência como demanda do discernimento | 24 |
| 2.1.3 Um possível contributo do modelo inaciano | 25 |
| 2.1.4 Sagrada Escritura: um recurso inigualável | 26 |
| 2.1.5 A ausência do conceito de discernimento na UL 3 | 32 |
| 2.2 Afirmar a Identidade sem perder o horizonte da curricularidade..... | 33 |
| 2.2.1 Eixos de análise..... | 37 |
| 2.2.2 Dispositivo de análise e instrumentos de recolha de dados..... | 37 |
| 2.2.3 Recolha de Dados e Apresentação de Resultados | 39 |
| 2.2.3.1 Relativamente às Metas..... | 39 |
| 2.2.3.2 Relativamente aos Objetivos | 40 |
| 2.2.3.3 Relativamente aos Conteúdos | 40 |
| 2.2.4 Análise dos dados..... | 42 |
| 2.2.5 Interpretação dos dados..... | 43 |
| 2.2.6 Opções Pedagógico – Didáticas | 45 |
| 2.2.6.1 Reflexões conclusivas | 45 |
| 2.2.6.2 Proposta de Reformulação..... | 46 |

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO III - PROCESSO DE ENSINO – APRENDIZAGEM | 50 |
| 3.1 Sequencia do Processo de ensino-aprendizagem | 51 |
| 3.2 Recursos | 53 |
| 3.3 Instrumentos de Avaliação | 54 |
| 3.4 Atividade enriquecimento Curricular..... | 55 |
| 3.5 Balanço crítico de desempenho..... | 56 |
| | |
| CONCLUSÃO | 58 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 59 |
| | |
| ANEXOS | 64 |
| 4.5 Documentos da Gestão do Currículo..... | 64 |
| 4.5.1 Planificação anual por período | 64 |
| 4.5.2 Calendarizações por aula/tema..... | 69 |
| 4.6 Planos de Aula..... | 71 |
| 4.6.1 Planificação da aula de apresentação | 71 |
| 4.6.2 Planificação da aula nº 15 | 74 |
| 4.6.3 Planificação da aula nº 16 | 76 |
| 4.6.4 Planificação da aula nº 17 | 77 |
| 4.6.5 Planificação da aula nº 18 | 79 |
| 4.6.6 Planificação da aula nº 19 | 81 |
| 4.6.7 Planificação da aula nº 20 | 83 |
| 4.6.8 Planificação da aula nº 21 | 85 |
| 4.6.9 Planificação da aula nº 23 | 87 |
| 5 Learning office's de apoio e outros..... | 89 |
| 5.5.1 Learning object de apoio | 89 |
| 5.5.2 Proposta de desenho de um PPV..... | 94 |
| 5.5.3 Ficha de caracterização dos alunos | 96 |